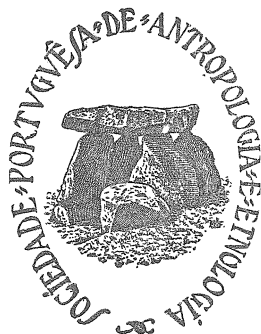


TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. IV

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR, FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN E CÂMARAS MUNICIPAIS DE CHAVES, DE
SABROSA E DE BOTICAS



PORTO — 1984

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

CONSELHO DIRECTOR DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

PRESIDENTE

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. da Univ. do Porto

Res. Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde

VICE-PRESIDENTE

ABEL SAMPAIO TAVARES

Prof. apos. da F. M. da Univ. do Porto

Res. Rua de Tânger, 1661-2.º E — 4100 Porto

SECRETÁRIO

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO

Assessor no Inst. Antrop. «Dr. Mendes Corrêa» da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua Germano de Paiva, 41 — 4450 Matosinhos

TESOUREIRO

AGOSTINHO CAMPOS FERREIRA

Licenciado em Economia (U. P.)

Parque D. Maria II, 34 - 2.º Dt.º — 4780 Santo Tirso

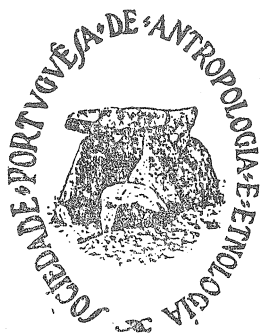
VOGAL-BIBLIOTECÁRIO

OSVALDO DA SILVA FREIRE

Assistente da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua de D. Manuel II, 104 — 4000 Porto

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

Publicação da
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. IV

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR, FUNDAÇÃO CALOUSTE
GULBENKIAN E CAMARAS MUNICIPAIS DE CHAVES, DE SABROSA E DE BOTICAS

PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO

ERRATAS

<i>Pág.:</i>	<i>Linha:</i>	<i>Onde se lê:</i>	<i>Leia-se:</i>
614	12	as portas	a porta
635	15	segurada	pegada
635	30	ter tido	tivesse
638	2	mas	está
638	6	ao	no
641	4	eyoca	invoca
664	2	andam	andes
664	22	pouco dura	pouco lhe dura
665	24	couces	coices
666	1	fermoso	formoso
666	33	Diabo	diabo
667	15	come pão	come o pão
668	13	Quem vai	Quem fora vai
669	29	*	eliminar o 2.º asterisco
670	1	faz-se	fez-se
670	17 e 34	transmontano	trasmontano
675	13	ao	do
681	8	funduda	fundura

O Castro da Curalha

9.^a Campanha de escavações—1983

POR

Dr. Adérito Medeiros Freitas *

Prof. efectivo da E. S. Martins Sarmiento — Guimarães
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

e

J. R. dos Santos Júnior **

Prof. catedrático jub. da F. C. da Univ. do Porto
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

TAREFA EM SETEMBRO DE 1983 POR A. M. F.

A 9.^a Campanha de trabalhos de restauro, conservação e limpeza no Castro da Curalha, decorreu nos dias úteis de Segunda a Sexta-Feira entre 7 e 30 de Setembro de 1983. Nela participaram os seguintes trabalhadores, quase todos com vários anos de prática nesta actividade e neste castro: Luís Albino dos Santos Lemos, Joaquim Augusto dos Santos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Manuel Pegarinhos Borges, Columbano Gonçalves Pereira, Miguel José Alves e Esmeraldo Pereira Neves.

Como em todas as Campanhas anteriores, os trabalhos foram orientados, superiormente, pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior coadjuvado por Adérito Medeiros Freitas, licenciado em Ciências Geológicas e professor efectivo do Ensino Secundário.

O programa dos trabalhos a executar nesta campanha, previamente elaborado em reunião com o Prof. Doutor Santos Júnior, foi o seguinte:

* Rua Saraiva Brandão, 260 8.º - Dto. — 4800 Guimarães.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Corte do mato numa área cada ano mais alargada em volta da muralha central.

Dada a espessura das camadas arbórea (carvalhos e pinheiros) e arbustiva (urzes, giestas, silvas, etc.) este corte, que se vai alargando em cada ano, permite-nos conhecer melhor a verdadeira extensão das fortificações fornecendo-nos, por outro lado, dados que nos permitem fazer uma mais correcta planificação para o ano seguinte.

Até este momento temo-nos preocupado, essencialmente, em pôr a descoberto todo o alinhamento da *segunda muralha* (consideramos como a primeira muralha, a mais central, a única que nos era conhecida quando iniciámos os trabalhos em 1974), o que ainda não conseguimos fazer em toda a sua extensão. No entanto e devido à necessidade de remover grandes quantidades de pedras que nos impediam a reconstrução, a NW, de um troço desta muralha, o corte do mato estendeu-se, aí, para lá da terceira muralha e numa extensão de cerca de 15 m.

Julgamos que, no próximo ano, o corte do mato possa estender-se a toda a área necessária para pôr a descoberto, integralmente, esta segunda muralha, a qual, segundo os nossos cálculos deve medir, na sua face externa, entre 250 e 300 m.

Limpeza das áreas em que incidiram os trabalhos dos anos anteriores:

É uma necessidade constante. Se deixarmos de fazer esta limpeza numa campanha de actividade, no ano seguinte todos os trabalhos realizados, com excepção das muralhas, estão cobertos de uma espessa camada de ervas e arbustos, juntamente com árvores novas (principalmente carvalhos).

Até ao ano de 1983 e devido à existência de uma extensa área em volta do Castro coberta por pinheiros e outras plantas, esta limpeza foi feita, exclusivamente, com a utilização de objectos de corte; o trabalho fica perfeito, mas é relativamente demorado. Com o corte do mato numa área mais alargada

foi-nos possível, já este ano, utilizar o fogo dentro da muralha central limitando-nos, em seguida, a cortar os caules dos arbustos que não tinham ardido totalmente. Houve, assim, uma certa economia do tempo, que foi aproveitada nos trabalhos morosos de reposição das pedras nas muralhas e muros das casas postas a descoberto. Assim, a probabilidade do fogo se propagar, incontrolado, às matas circunvizinhas ficou bastante reduzida tendo sido tomadas, de qualquer modo, as devidas precauções.

Creio que, no ano de 1984, já poderemos utilizar, o mesmo método, fora da muralha central.

Remoção das pedras amontoadas e reconstrução da segunda muralha:

Com a reposição, na *segunda muralha*, de milhares de pedras de granito (algumas de grandes dimensões, pesando centenas e até milhares de quilos), o Castro da Curalha encontra-se, hoje, muito valorizado, sendo frequentemente visitado por alunos do Ensino Secundário acompanhados pelos seus professores, por pessoas de várias nacionalidades como o temos comprovado, em cada ano, durante as curtas campanhas de trabalhos e, até, por alunos universitários que o utilizam para a realização de trabalhos a apresentar na sua Faculdade.

Esta segunda muralha, cuja existência, em 1974, não era conhecida, está hoje parcialmente reconstruída numa extensão de cerca de 130 m, atingindo na sua face externa e nalguns pontos, mais de três metros de altura.

Em 1982 reconstruímos cerca de 50 m desta segunda muralha, a N. Em 1983, reconstruímos mais de 80 m a W (Fig. 1).

Esta segunda muralha é menos larga do que a muralha central. Enquanto que esta tem uma largura variável, compreendida entre os três e os cinco metros, a segunda muralha possui, nos troços parcialmente reconstruídos, uma largura bastante regular de cerca de 2 m, excepto nos troços em que existem estruturas relacionadas com a sua própria defesa, como acontece a NW. A sua distância à muralha central é variável. A N, a distância máxima assinalada é de 12,17 m (distância

entre as suas faces externas). A distância mínima (6,95 m) foi assinalada a WNW. A W e a S a distância entre as faces externas das duas muralhas situa-se entre os 7,20 e 8,80 m. Nas proximidade da porta de E, embora a muralha não esteja, aí, totalmente posta a descoberto, tudo indica que a sua dis-

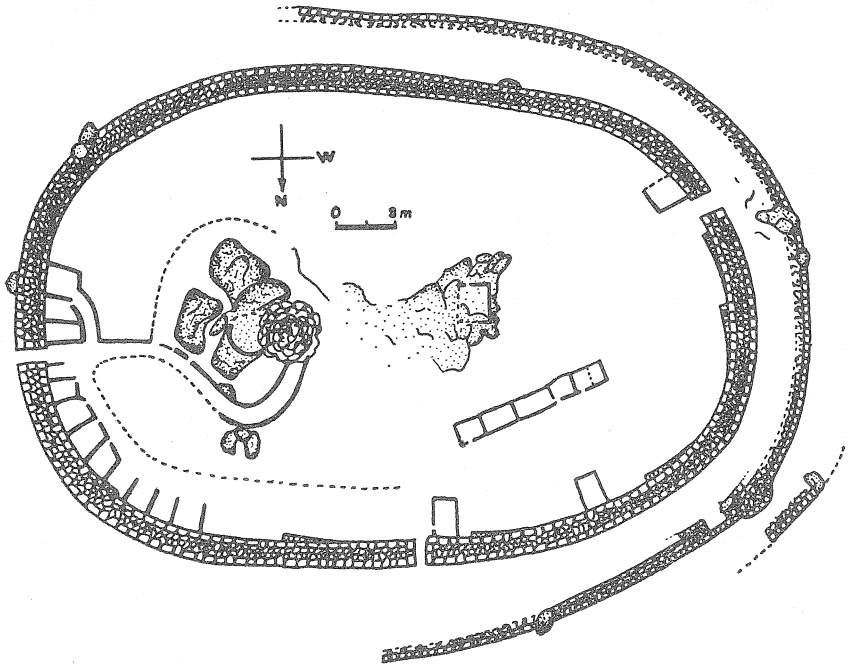


Fig. 1 — Planta do Castro da Curalha, no final da campanha de 1983, mostrando as posições relativas da muralha central, da porção posta a descoberto e parcialmente reconstruída da segunda muralha e de um pequeno troço da terceira muralha.

tância à muralha central seja relativamente pequena, talvez inferior a 4 m.

Uma reentrância de forma rectangular na face interna desta muralha que apareceu no último dia de trabalhos de 1982, bem como as saliências (interna e externa) situadas de um e outro lado, foram este ano totalmente postas a descoberto e reconstruídas (Fig. 2). A muralha que, como dissemos,

possui uma largura média de cerca de 2 m apresenta, neste troço, algumas variações: alarga-se para *três metros* formando, internamente, uma saliência em forma de torreão, aproximadamente quadrangular, possuindo uma área de, aproximadamente, 9 m² e cujo acesso se faz por meio de uma rampa com 95 cm de largura (a mais larga rampa de acesso até hoje encontrada no Castro, o que parece indicar a sua importância);

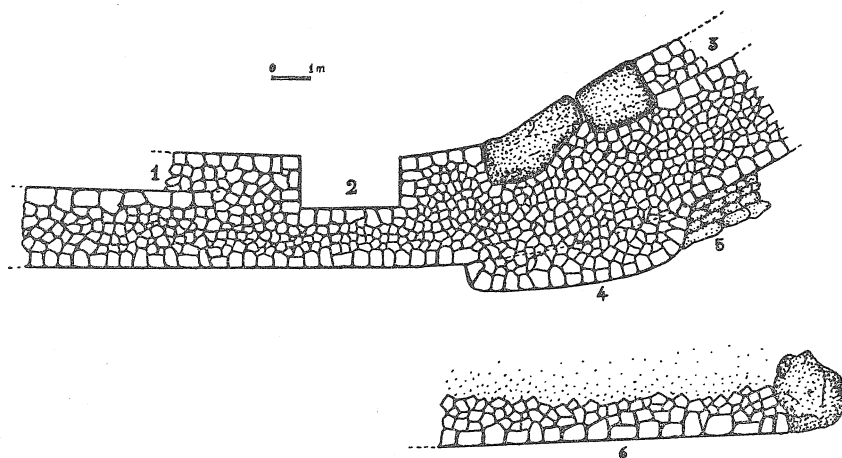


Fig. 2 — Troço da segunda muralha, a NW mostrando duas rampas de acesso (1 e 3), a reentrância na sua face interna (2) com uma superfície de 3,40 m², a saliência na sua face externa (4) e a estrutura de apoio da muralha (5). O número (6) indica o troço parcialmente reconstruído da terceira muralha.

em seguida, e numa extensão de 2,60 m, a largura da muralha reduz-se a, apenas, 1,55 m, dando origem a uma reentrância, espécie de casa, com uma área de 3,5 m²; a muralha forma, a seguir, uma saliência na sua face externa que começa por fazer um ângulo recto alargando-se 65 cm e retomando, cerca de 9 m depois, o alinhamento do resto da muralha fazendo uma curva com a forma de um S muito aberto; a largura máxima, desta saliência, é de 3,70 m constituindo, pois, a largura máxima assinada até este momento nesta segunda muralha.

A seguir à saliência descrita assinalámos: internamente, uma nova rampa de acesso com cerca de 60 cm de largura;

do lado externo, uma estrutura tosca em forma de degraus, sendo as pedras da base de maiores dimensões, todas de granito. Através de pequenos buracos existentes na base da muralha pudemos observar que a mesma assenta sobre uma rampa natural de granito, onde um apoio firme é impossível de conseguir. Como já referimos no relatório de 1982, esta



Fig. 3 — Aspecto da face externa da 2.^a muralha voltada para NNW, com cerca de 3 m de altura.

estrutura é, segundo a nossa opinião, uma estrutura de suporte estando, as saliências (interna e externa) da muralha, a reentrância na mesma e as rampas de acesso, relacionadas com a defesa deste troço da muralha, onde não seria difícil abrir uma brecha, provocando o seu desmoronamento, uma vez retiradas algumas pedras da base da estrutura de suporte.

A partir daqui e numa extensão aproximada de 72 m, não nos foi possível pôr a descoberto a face interna desta muralha, pelo facto de todo o espaço entre esta e a muralha central, se encontrar completamente cheio de não poucas toneladas de pedras de granito, caídas das mesmas e até uma altura que deve atingir, nalguns pontos, mais de 2 m.



Fig. 4 — 2.^a muralha, a NW, mostrando a reentrância na sua face interna, espécie de esconderijo.

Terceira muralha:

O amontoado de pedras caídas das duas muralhas mais internas e principalmente da muralha central, atingia, nalguns pontos, mais de 3 m de altura e mais de 10 m de largura,

encobririndo totalmente a segunda muralha. Nos troços em que esta estava destruída quase até à base, foi necessário, por motivo de segurança e falta de espaço, remover milhares de



Fig. 5 — Aspecto de 2.^a muralha, a NW, mostrando a reentrância na sua face interna. A muralha que a seguir à reentrância, tem uma largura máxima de 3,70 metros, curva para a nossa esquerda retomando a largura de 2 metros.

pedras algumas das quais, de tais dimensões, que se nos tornava impossível recolocá-las na segunda muralha, por falta de mecanismos de elevação adequados.

Por tal motivo decidimos colocá-las nesta terceira estrutura defensiva (a 3.^a muralha). Para o efeito foi necessário cortar o mato numa área mais larga e limpar toda a terra até ser

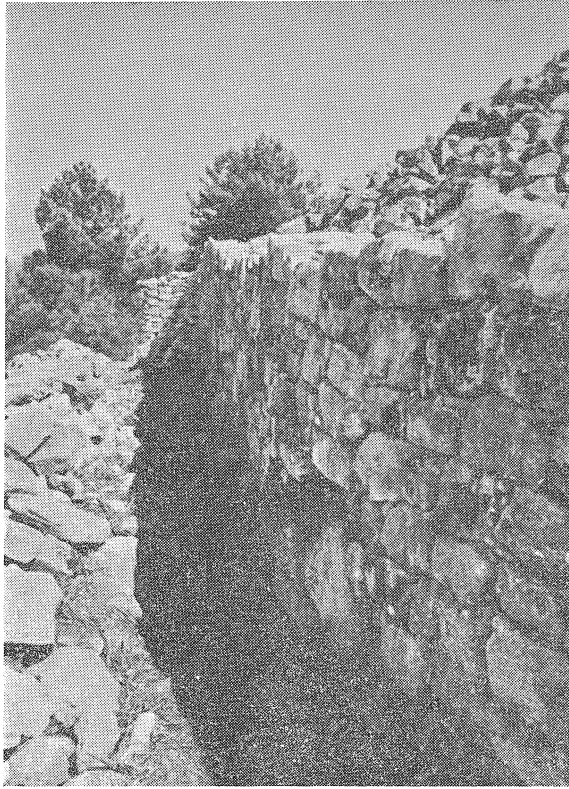


Fig. 6 — Face externa da 2.^a muralha, a W. Em último plano a saliência de contorno arredondado que se segue à reentrância assinalada nas figuras anteriores.

posta a descoberto a sua base. Dada a inclinação do terreno só procurámos o seu limite externo, tendo sido feita a sua reconstrução numa extensão apenas de 9 m e até uma altura média de 1 m (ver Figs. 1 e 2).



Fig. 7— Aspecto da face externa da 2.ª muralha a SW, em frente à porta existente na muralha central.



Fig. 8— Outro aspecto dos trabalhos de reconstrução da 2.ª muralha a Sul.

A distância mínima registada entre as faces externas das 2.^a e 3.^a muralhas (em frente à saliência referida) é de cerca de 4 m, tudo parecendo indicar que, quer num quer noutro sentido, esta largura aumente. Não possuímos, até este momento, qualquer informação de que esta 3.^a muralha envolva totalmente as duas mais internas. Admitimos, também, que nalguns troços ela tenha sido totalmente destruída.

Material recolhido:

Numerosos fragmentos de cerâmica (bordos, fundos, e porções laterais) pertencentes a vasos com cor, espessura e dimensões muito variadas. A maior parte destes fragmentos foram

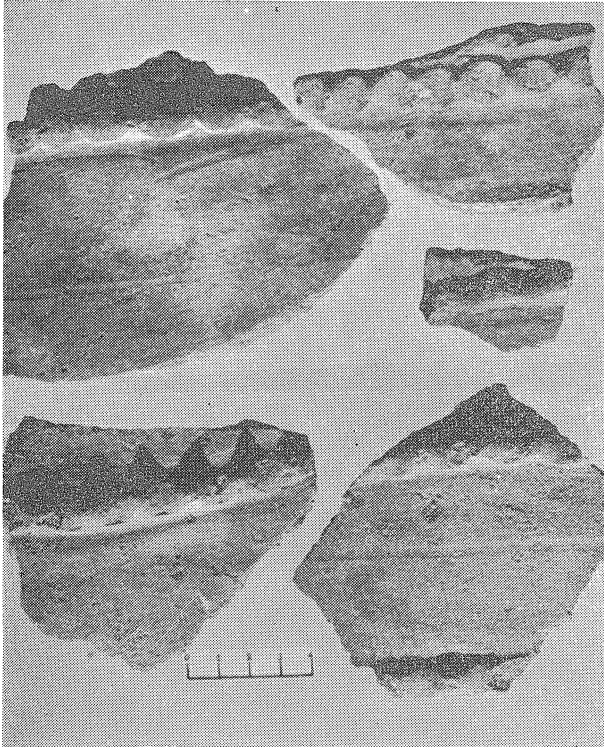


Fig. 9 — Fragmentos de cerâmica de cor cinzento-esbranquiçado, com ornamentação «encordoadá».

encontrados juntos, no meio das pedras caídas da muralha central, a cerca de 3 m da porta de SW e a um metro de distância da sua face externa. Julgámos, a princípio, tratar-se de um só vaso; quando, porém, tentámos fazer uma reconstituição, mesmo que parcial, verificámos que tais fragmentos per-

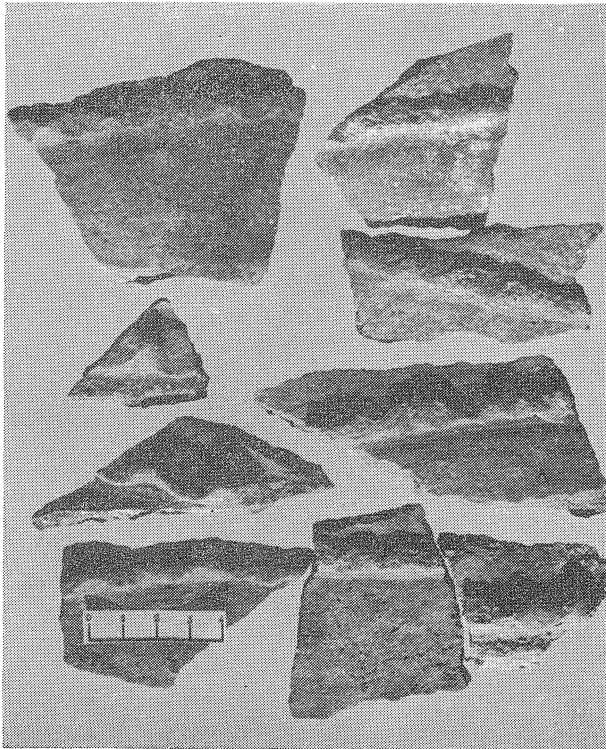


Fig. 10 — Fragmentos de cerâmica esbranquiçada encontrados nas proximidades da porta de SW da muralha central.

tenceram não a um, mas a alguns vasos. Em vários níveis abaixo dos respectivos bordos, muitos daqueles fragmentos apresentam uma ornamentação do tipo «encordado», cujas características são muito semelhantes em todos eles.

Três cossoiros inteiros com, respectivamente, 3,5 cm, 3,7 cm e 2,5 cm de diâmetro e 1 cm, 0,7 cm e 0,5 cm de espessura.

Dois fragmentos de um cossoiro, cuja espessura é quase igual ao diâmetro, mais fazendo lembrar uma conta de grandes dimensões.

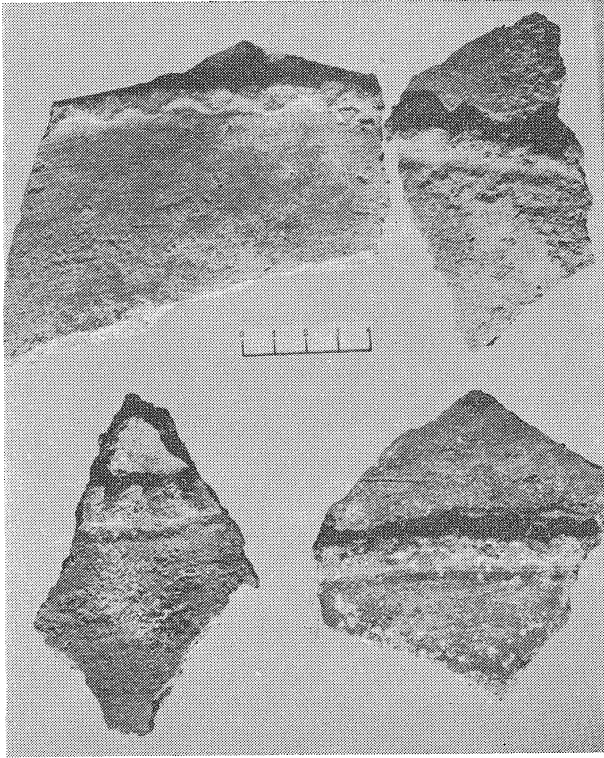


Fig. 11—Quatro fragmentos de cerâmica pertencentes, possivelmente, ao mesmo vaso.

Um fragmento do fundo de um vaso de vidro, com cerca de 4 cm de diâmetro e de cor esverdeada.

Três aparas de cobre semelhantes a muitas outras que ali têm sido encontradas e alguns pedacinhos de carvão.

Duas pedras de granito que, certamente, se encontravam a fazer parte da muralha central, uma de cada lado e a uma certa altura, da porta de SW. Cada uma delas possui duas cavidades circulares, correspondentes a outras idênticas que se encontram no pavimento e de um e outro lado da mesma porta, por nós descritas em trabalhos anteriores.

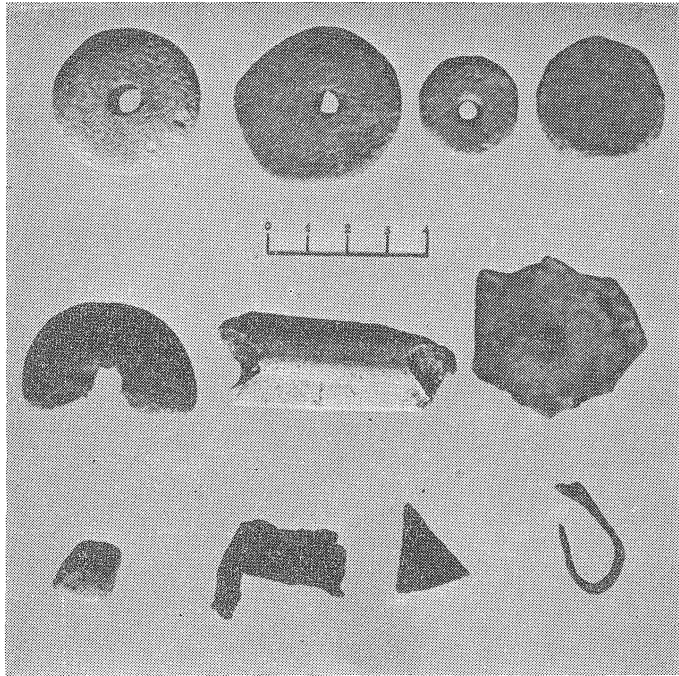


Fig. 12 — Três cossoiros inteiros de diâmetros variáveis (3,5 cm, 3,7 cm e 2,5 cm); parte de um cossoiro de grande espessura relativa (ao centro e à esquerda); um fragmento de um vaso de vidro de cor esverdeada (centro, à direita); três aparas de cobre e um anzol (?) (em baixo e à direita).

Julgamos que estas cavidades, juntamente com as que se encontram no pavimento não são mais que os apoios (superiores e inferiores) dos gonzos da(s) porta(s) da muralha.

A existência destas cavidades, aos pares, bem como a sua posição relativa, parece indicar a existência de duas portas, uma interna e outra externa.

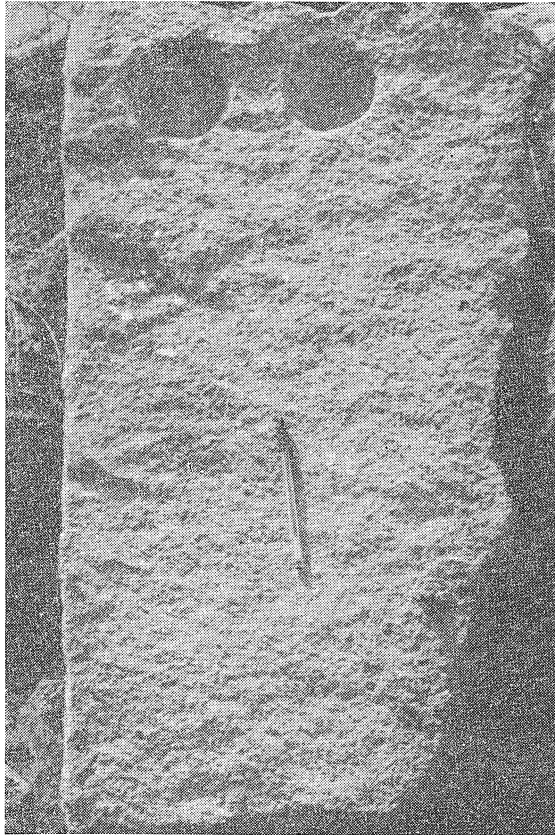


Fig. 13 — Pedra de granito equigranular, com 1,02 metros de comprimento e duas cavidades para apoio da parte superior dos «gonzos» da(s) porta(s) de SW (muralha central).

As duas pedras referidas possuem, respectivamente, as características que a seguir se indicam.

Pedra I (de granito equigranular):

1,02 m de comprimento máximo; 0,59 m de largura máxima; 0,30 m de largura mínima; 0,20 m de espessura máxima. As

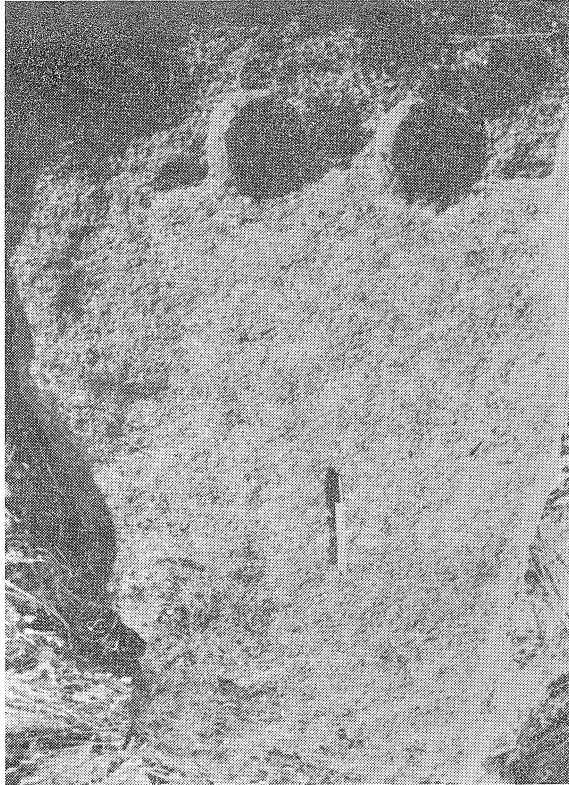


Fig. 14 — Pedra de granito equigranular, com 0,96 m de comprimento e duas cavidades para apoio da parte superior dos «gonzos» da(s) porta(s) de SW (muralha central).

duas cavidades, separadas de 5 cm, têm de profundidade 6 cm e diâmetros, respectivamente, 9,5 cm e 8 cm (Fig. 13).

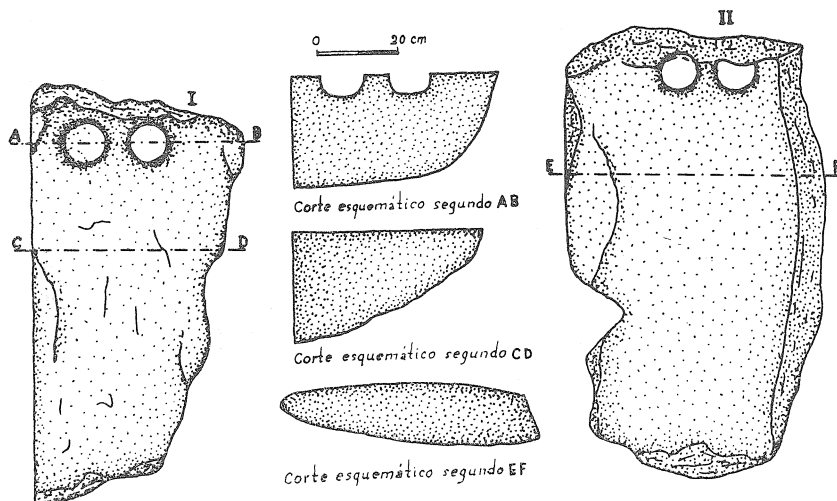


Fig. 15 — Representação esquemática das duas pedras de granito (I e II) encontradas nas proximidades da porta de SW cada uma das quais possui duas cavidades idênticas na sua extremidade mais larga.

Pedra II (de granito equigranular):

0,96 m de comprimento máximo; 0,50 m de largura máxima; 0,30 m de largura mínima; 0,27 m de espessura máxima. As duas cavidades têm uma profundidade de 5,5 cm e 5 cm, e um diâmetro de, respectivamente, 10,5 cm e 9,5 cm. Encontram-se distanciadas de 5 cm (Fig. 14).

TAREFA EM OUTUBRO DE 1983 POR J. R. S. J.

Na Campanha de 1983, os trabalhos no castro da Curalha também se fizeram em duas tarefas.

No mês de Setembro A. M. F. continuou com a descoberta e restauro da 2.^a muralha, por ele já refeita num comprimento de 130 m e 1 a 3 m de altura.

Descobriu uma primeira porção da 3.^a muralha que refez num troço de 10 m com uma altura de 1,5 m.

Na tarefa de Outubro S. J. continuou a trabalhar no recinto intramuralha.

No dia 7 de Outubro fiz viagem do Porto para Chaves.

No dia 8, sábado, iniciei os preparativos para a campanha reunindo vários materiais, nomeadamente uma ciranda de rede de tarara, um crivo, e uma padiola, utilizada no transporte dos milhares de pedras espalhadas por toda a área do castro, que tinham ficado na casa do falecido P.º Adolfo Magalhães, nosso companheiro nos trabalhos de escavações da Curalha, falecido o ano passado.

No dia 9, domingo, fui de tarde à Curalha para contratar pessoal para 12 a 15 dias de trabalho.

As vindimas em 1983 foram tardegas, pelo que toda a gente ainda andava no corte das uvas.

Em princípio assentou-se que dentro de 2 ou 3 dias já teria algumas mulheres.

Em 10 de Outubro da parte de manhã fui à Câmara Municipal de Chaves. Contactei com o vereador do pelouro da Cultura Sr. João Baptista Martins, solicitando o empréstimo de alguma ferramenta, sobretudo pás e picaretas, pedido que foi prontamente satisfeito, como aliás o tem sido nos anos anteriores.

De tarde novo encontro com o Sr. J. Baptista Martins, a quem manifestei o propósito de queimar o mato do recinto muralhado sob vigilância atenta dos Bombeiros Voluntários.

De entrada o Sr. Baptista Martins, lembrando os perigos que podem resultar de uma grande queimada, não se dispunha a apoiar o meu propósito e a recomendar-me aos bombeiros.

Com o circuito completo da 1.ª muralha, refeito em grande parte pelas nossas campanhas anteriores, e pelo facto de estarmos em pleno outono, em que os perigos das queimadas são mínimos, praticamente nulos, em comparação com as queimadas feitas no verão em Julho e Agosto, eu previa que se poderia confiadamente chegar o fogo ao mato, sob vigilância dos bombeiros.

Evoquei mesmo o facto de nos meus 18 aos 21 anos ter sido bombeiro voluntário, fundador e do corpo activo, dos Bombeiros Voluntários da Areosa, concelho de Gondomar.

Consegui convencer aquele distinto vereador do pelouro da cultura a ser mediano do pedido que eu queria fazer à corporação dos B. V. de Chaves.

Um seu telefonema preparou o meu encontro com o 1.º Comandante Sr. Armando Quina Falcão, na noite desse dia às 21 horas.

Tanto o 1.º como o 2.º Comandante Sr. Nuno Sarmiento Castro Teixeira, com os quais me encontrei à noite no quartel dos bombeiros, foram gentilíssimos. Prontamente deram o seu acordo ao meu intento de queimar o mato do Castro da Curalha.

Era urgente fazer a queimada para aproveitar a quadra de sol da última semana, e, por isso, se combinou pegar o fogo ao mato do recinto muralhado do castro no dia seguinte.

No dia 11 de Outubro, pelas 10 horas, seguimos para a Curalha. No carro moto-bomba seguiram 6 homens.

Eu fui num carro da corporação.

Quatro bombeiros controlaram a queimada na faixa a sul do grande pinheiro manso. Os outros dois acompanharam a queimada na faixa do lado norte, entre o pinheiro manso e a muralha. Trabalhou-se até ao meio dia.

Da parte de tarde voltei ao castro e percorri o terreno agora livre da ervagem e do mato.

Na vasta sementeira de pedras, grandes e pequenas, que, por assim dizer, se estendia por toda a faixa a sul do pinheiro manso, vi algumas pedras alinhadas que davam mostra de casa, que noutra oportunidade se procurará isolar, e, com as pedras dela caídas, se fazer a possível reconstituição.

Em 12 de Outubro choveu.

Aproveitei a manhã para ir cumprimentar o Presidente da Câmara Municipal Sr. Eng.º Branco Teixeira, a quem entreguei o pedido de subsídio para trabalhos no Castro da Curalha em 1984 e sua publicação.

Ao mesmo tempo apresentei sugestões relativas à defesa e conservação do castro.

Sugeri a conveniência, relativamente urgente, de criar e demarcar a zona de protecção do castro numa área circundante de pelo menos 100 m a contar da 3.^a muralha.

Julga-se que aquele cabeço é, na sua maior parte da Junta de Freguesia, o que facilita a demarcação da zona protectora.

Lembrei a necessidade de reparar o estradão de acesso ao campo de futebol, caminho de subida para o castro, e, se possível, levá-lo mais acima cerca de 100 m, ou pouco mais, até um terreiro que fica a uns 50 m da muralha, e onde poderão estacionar alguns automóveis de possíveis visitantes.

Realcei as vantagens, para a defesa e conservação do castro, de proibir o pastoreio e a caça, tanto no castro como na zona de protecção.

No dia 14 de Outubro, da parte da manhã choveu. Fui ao armazém da Câmara buscar picaretas, pás e enxadas cedidas por empréstimo.

Passei pelo liceu para tentar conseguir estudantes para trabalharem no castro.

Consegui três: José Francisco Figueira Verdelho, José João Miranda Ladeira e Victor Manuel Gomes Alves de Sousa, que só podiam trabalhar no sábado, dia 15, da parte da tarde.

No dia 15 de Outubro, sábado, fui com os três estudantes ao Castro. Pouco passava das 13 horas e meia quando abalamos de Chaves. Quando regressamos estava a anoitecer, eram 17 horas e meia.

Como sempre imaginei que em frente das fiadas de casas geminadas, as ruas fronteiras deviam ser calcetadas, começou-se a escavar a rua que segue na enfiada da porta do castro aberta a nascente e também a sua derivação para norte, a facear a fiada de casas encostadas à muralha. Confirmou-se a minha suposição.

Uma fiada de 4,40 m, de pedras apicotadas, alinhadas ao lado do eixo da rua de entrada, era parede de casa, que, embora pelo pouco que dela se via, levava a crer que se devia tratar de uma casa, subquadrada ou mesmo quadrada (Fig. 16).

Foi na base dessa parede que sob minha orientação os estudantes começaram a escavar.

Retirados cerca de 25 a 30 cm de terra e entulho, verificou-se que aquela fiada de pedras de 4,60 m de comprimento assentavam numa laje de granito. Prosseguiu-se no desaterro e descobriram-se mais lajes de granito que se estendiam a toda a largura da rua.

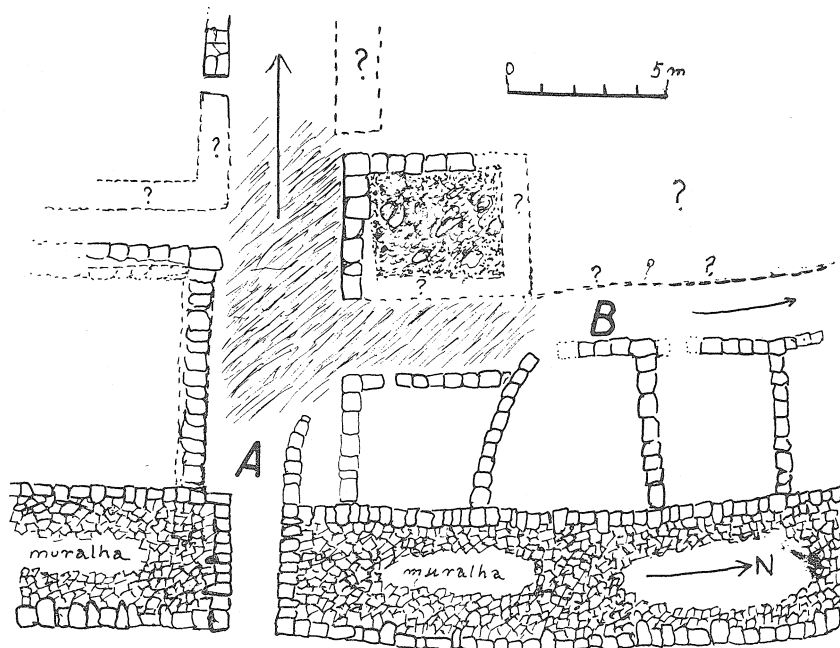


Fig. 16 — Desenho esquemático junto da porta aberta a nascente. O tracejado indica o que foi escavado.

Ainda se desentulhou o início da derivação da rua de entrada para o lado norte (Fig. 16).

A terra foi levada a baldes para a muralha.

Os muitos fragmentos de cerâmica, sobretudo pedaços de telhas, a típica telha de rebordo, e porções de tijoleiras maiores ou menores, mas na maior parte pequenas, e pedaços de telhas de capelão ou de cápia que iam aparecendo, foram amon-

toados na terra que enche a casa quadrada, que terá de ser escavada e a terra passada à ciranda.

No dia 17, segunda-feira, como as mulheres faladas na Curalha ainda tinham vindima nesse dia, fui de manhã à Câmara solicitar a cedência de pelo menos dois dos seus empregados para trabalhar no castro.

Foram-me cedidos dois que levei comigo às 14 horas.

Proseguiu-se no desaterro da rua de entrada e da sua derivação para norte.

O lajeado da rua de entrada é formada de lajes grandes mal ajustadas em pavimentação irregular. Parece que faltam algumas pedras, certamente rapinadas.

O lajeado estava coberto de camada de terra que nalguns sítios tinha 19 a 20 cm de altura e noutros 25 a 27 cm.

A camada de terra ao longo da fiada das casas entestadas à muralha tinha apenas uns 15 a 17 cm de altura. Nas duas camadas continuou a aparecer cerâmica grosseira muito fragmentada, tégula e tijoleira, uma destas com 5 cm de espessura.

Com a relativa abundância de cerâmica grosseira encontrada ao escavar a rua principal apareceram apenas dois pequenos fragmentos de pequenos vasos. Um deles é um bordo de púcaro com 3,5 cm de comprimento e outro tanto de altura. É negro nas duas faces mas a pasta, como se via numa fractura recente, é clara, acinzentada, com 5 mm de espessura e muito pouco, quase nada, micácea.

O outro é um pequeno pedaço com 4,8 cm de comprimento, 3,5 cm de altura e 6 mm de espessura, escuro quase preto nas duas faces e de pasta acinzentada. É pedaço da pança de vaso não pequeno.

Nos dias 18, 19, 20 e 21 tivemos 6 raparigas de 18 a 20 anos, mas só duas é que trabalharam os 4 dias, uma trabalhou 3 dias e três só trabalharam 1 dia.

Cada vez é mais difícil conseguir pessoal jornaleiro e só mulheres ou raparigas.

É bem possível que esta dificuldade não só persista, como bem pode agravar-se; então teremos de recorrer à cedência de algum pessoal da Câmara, e a estudantes, mas estes só em períodos de férias.

Nos quatro dias referidos continuou-se a tirar a terra que cobria o lajeado dos dois arruamentos.

Na rua do bairro a camada de terra tinha 15 a 17 cm de altura, com muito raizame de carvalho em rede ou teia quase contínua.

Ao escavar a terra na rua principal (chamemos-lhe assim para elemento de referência) apareceu quantidade de ladrilhos, talvez mais propriamente pedaços da lâmina das tégulas, e porções dos rebordos das tégulas, tudo muito espartilhado. Não os contei um a um; computo-os em mais de 500 pedaços e todos de pequenas dimensões.

Mas foi na rua do bairro (chamemos-lhe assim para elemento de referência) que apareceram mais alguns pedaços de vasos de barro, e entre eles o fundo de um pucarinho de barro (Fig. 23) de pasta negra finamente micácea com a base do fundo bem rodada, perfeitamente circular. O que resta da pança do púcaro forma ao fundo aba irregular que vai de 3 cm a 4,3 cm.

Um pequeno pedaço da porção média de uma asa robusta, negra, com 4,0 cm de comprimento por 3,8 cm de largura tem num dos topos e espessura de 11 mm.

Pequena porção de fundo de um vaso de pasta castanho amarelada com comprimento de 5,3 cm, altura de 3,2 cm e espessura no início da pança de 7 mm.

Um grande pedaço do colo de um vaso que devia ser grande e talvez alto, dada a pequena curvatura do que resta da pança. É de barro negro, tem delgados indutos acastanhados, interno e externo. Mede de comprimento 6,4 cm, de largura 5,1 cm e de espessura 5 mm.

Grande porção escura, quase negra da pança de um vaso que devia ser um tanto grande, dada a pequena curvatura do fragmento, de pasta finamente micácea; ao sol rebrilham palhetas minúsculas de moscovite. Maior comprimento 8,2 cm, por 5,7 cm de largura e 8 mm de espessura.

Pequeno pedaço rectangular de cerâmica branca, finamente micácea com 4,9 cm de comprimento com largura máxima num dos topos de 3,0 cm, e espessura de 5 mm.

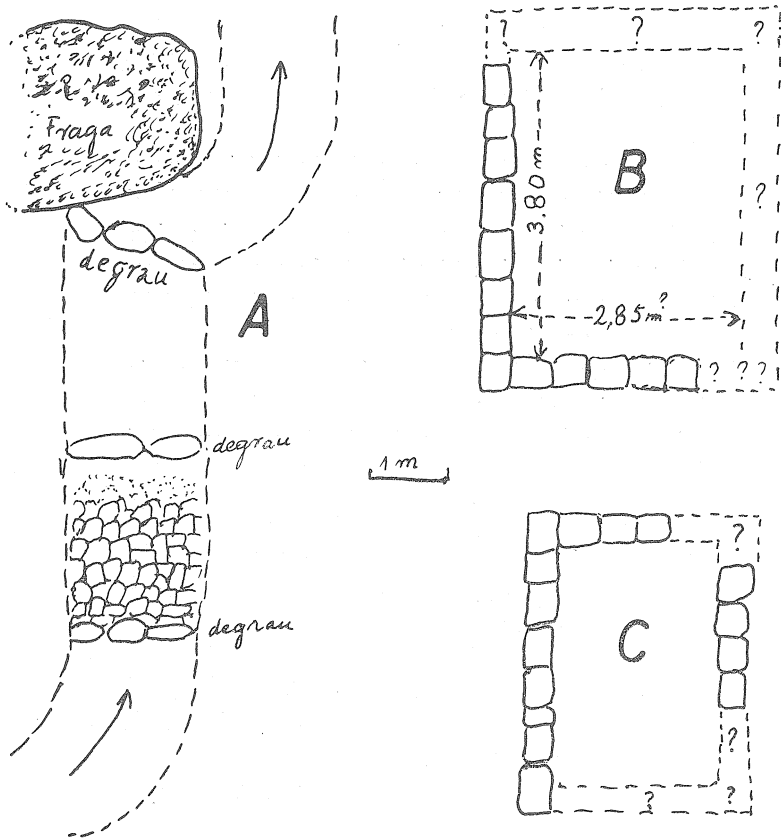


Fig. 17 — A arruamento com três degraus, B resto de casa na faixa a N. do pinheiro manso, C resto de casa a sul do pinheiro manso.

Alguns fragmentos são tão pequenos sem quaisquer características que não vale a pena referenciá-los.

Alguns pedaços de rebordos das tégulas têm na lâmina ao comprido do rebordo, um, dois ou três gotearas feitas a dedo

na pasta terra, que talvez possam interpretar-se como marcas dos oleiros.

Até em frente das três primeiras casas a terra cobria a superfície sensivelmente horizontal de uma laje de granito.

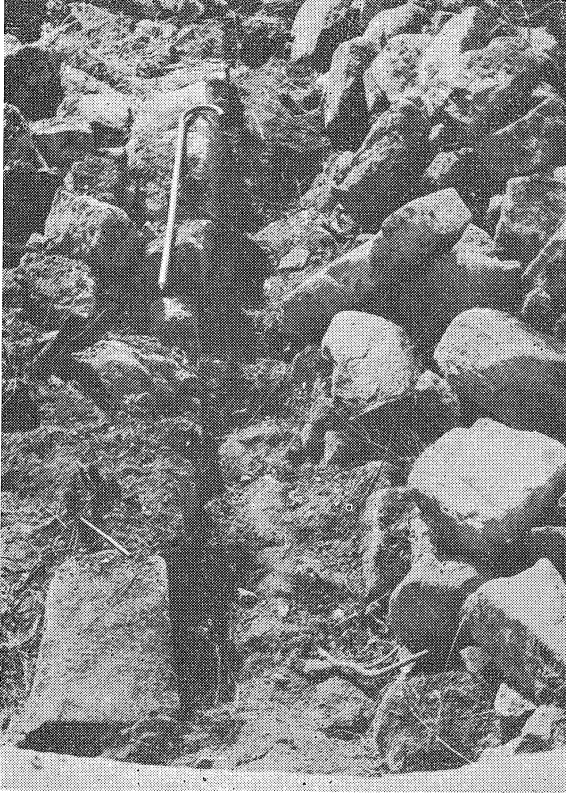


Fig. 18 — Resto de parede de casa (?) do lado norte do pinheiro manso.

Ali termina o lajeado. A seguir o arruamento faz pequena curva e, a uns 7 a 8 m, esbarra num penedo, torce sobre a direita e segue para baixo a facear 4 casas alinhadas no sentido leste-oeste (Fig. 17-A).

Naquele troço de 7 a 8 m depois de acabar o lajeado há três pequenos degraus separados entre si de 2,50 m (Fig. 17-A).

Só a seguir ao primeiro degrau, feito de 3 pedras postas topo a topo ao través do arruamento, é que havia calceta a pedras de granito.

O segundo degrau é formado por 2 pedras assentes topo a topo, e o terceiro por 3 pedras postas em diagonal no início da curva.

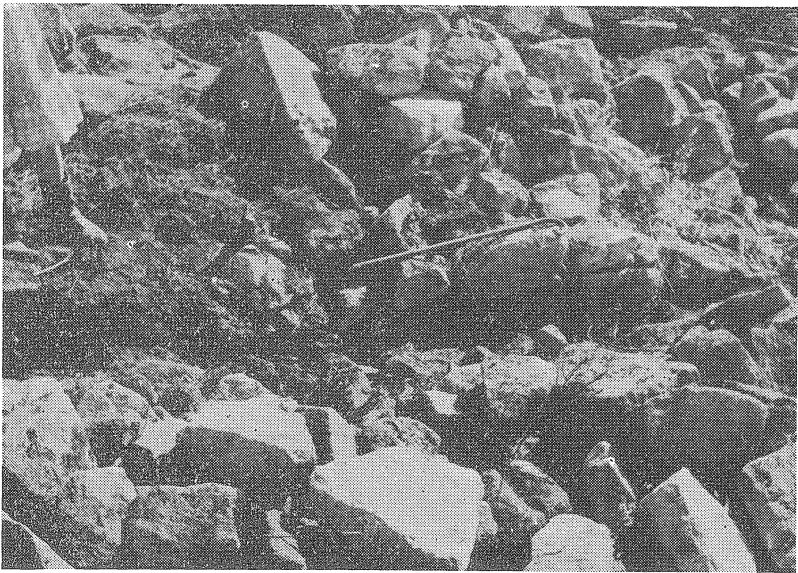


Fig. 19 — Outros aspectos da mesma parade da Fig. anterior.

Também se fez o corte do mato ao correr da face externa da muralha do lado norte em 10 a 12 m de largura a contar da muralha e no comprimento de 58 m entre as portas do leste e a do norte.

Mais uma casa rectangular foi detectada na faixa sul do recinto muralhado a uma escassa vintena de metros do pinheiro manso como mostra a fotografia da Fig. 18 e 19, em que se vê parte das bases das suas paredes (Fig. 17-C).

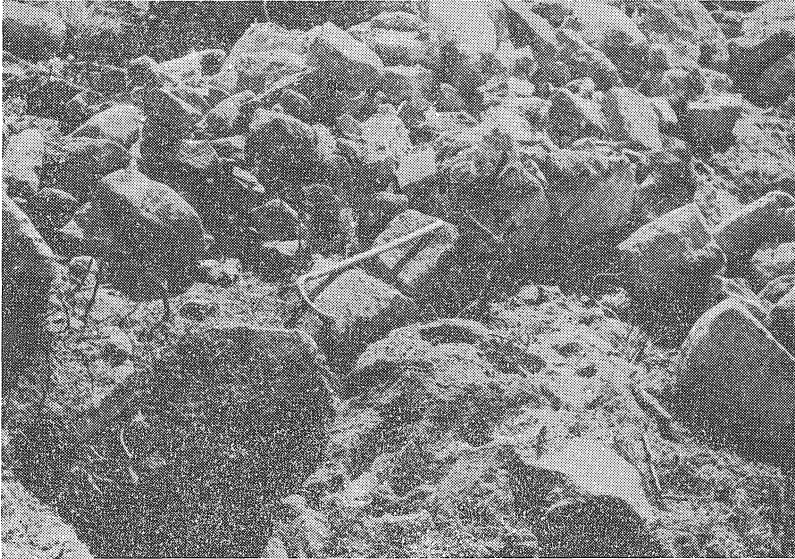


Fig. 20 — Resto da parede duma casa, a poente do pinheiro manso.

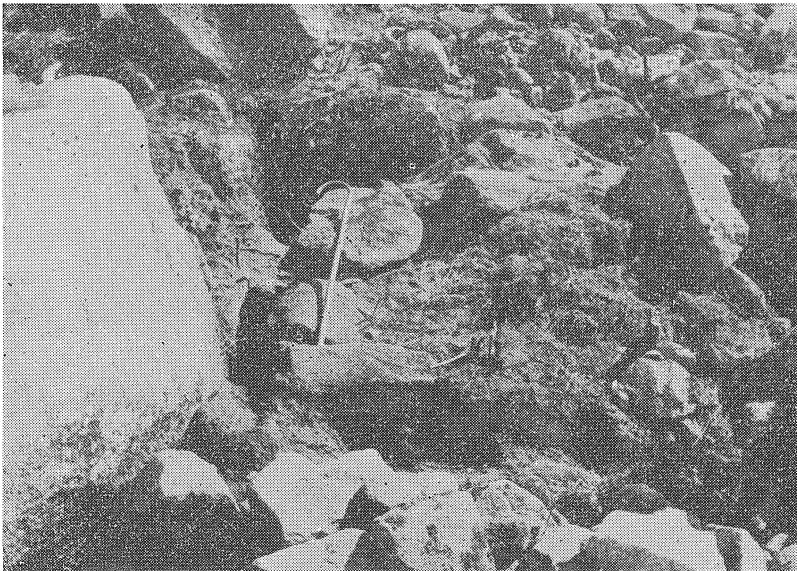


Fig. 21 — Outro resto de parede do lado N. da casa da Fig. anterior.



Fig. 22 — Ruína da casa quadrada na entrada da porta aberta a nascente.

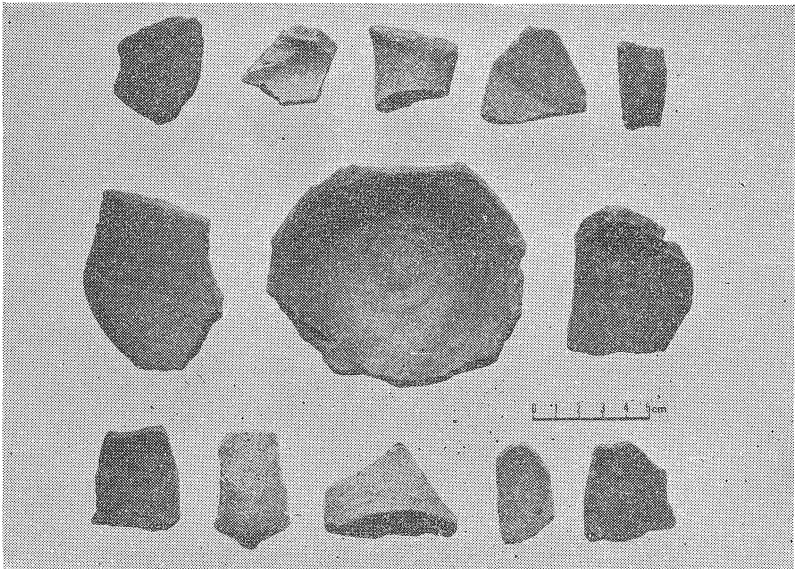


Fig. 23 — Cerâmica encontrada ao limpar os arruamentos que se seguem à entrada da porta do nascente.

Ainda se encontraram outros pequenos alinhamentos de pedras talhadas, que, quando for possível remover as muitas pedras que ali se amontoam, permitirá averiguar o delineamento das paredes e o tamanho e forma das casas (Figs. 18 e 19).

Da casa quadrada no enfiamento da porta do nascente só se pôs a descoberto a parede do lado sul a facear o arruamento principal e a parede do lado poente, porção entre os dois homens da Fig. 22.

Ainda se pôs a descoberto um pouco das 2 paredes da casa agora descoberta e que fica a 12 m a norte do pinheiro manso.

A parede da casa quadrada tem do lado poente 3,80 m de comprimento por 50 cm de largura e a do lado sul, que forma cunhal com a anterior, foi isolada num comprimento de 2,82 m e tem 55 cm de largura (Fig. 22).

Não houve ensejo de procurar isolar as paredes dos lados norte e do nascente, grandemente derruidas.

Como remate julga-se conveniente assinalar a descoberta do lajeado dos dois arruamentos à entrada da porta do leste e os três pequenos degraus de parte do arruamento do bairro, com calceta de pedras de granito entre o primeiro e o segundo degrau.

As duas casas descobertas a um lado e outro do pinheiro manso no alinhamento N. S., pouco mais foram do que apontadas. Pelo que ali agora se viu, afigurasse-nos serem rectangulares e isoladas.

Com estas duas, o número de casas até agora assinaladas no Castro da Curalha sobe a 24, das quais apenas 6 estão isoladas, e 18 em grupos, com as casas de cada grupo pegadas e de paredes meeiras.

É de crer que na faixa do recinto intramuralha a sul do pinheiro manso, quando se removerem as muitas toneladas de pedras soltas espalhadas por todo o terreno, se descobrirão mais casas.

A Dança dos Mancos na festa de S. Gonçalinho em Aveiro

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Professor cat. jub. de Antropologia da F. C. U. P.
Membre Titulaire da «Société d'Ethnographie de Paris»
Da Sociedade Brasileira de Folk-Lore (Sócio titular) (Natal)

Ao Rev. P.^o João Gonçalves Gaspar
aveirógrafo de essinalados méritos

O. D. C.

Uma *dança de mancos* é coisa que deve impressionar um certo número de pessoas, muitas ou poucas Deus o sabe.

A mim, apaixonado estudioso da Etnografia do nosso País em múltiplos dos seus aspectos, e nomeadamente na coreografia popular de Trás-os-Montes ⁽¹⁾, quando há anos pela primeira vez me falaram em tal dança logo fiz tenção de a ir ver e estudá-la, sem no entanto sentir grande espanto ou admiração.

É que há muito sabia o prolóquio corrente no nosso povo em afirmação categórica de que, *para cantar, um gago, e para dançar, um coxo*.

Foi neste ano de 1984 que tive oportunidade de ir a Aveiro à festa de S. Gonçalinho, para ver a *dança dos mancos*, singular manifestação de culto e adoração a S. Gonçalinho, que tem

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

(1) António M. Mourinho & J. R. dos Santos Júnior, *Coreografia popular trasmontana (Moncorvo e Terra de Miranda)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, Vol. 23, Porto, 1980, págs. 439 a 587, e 85 figs.

a sua capela no antigo bairro pescatório da Beira-Mar, na freguesia de Vera Cruz, da cidade de Aveiro.

O S. Gonçalinho de Aveiro é uma extensão do S. Gonçalo de Amarante, como no-lo ensina o erudito publicista Rev.º P.º João Gonçalves no seu livrinho *S. Gonçalo de Amarante de Guimarães por Amarante até Aveiro*, Tip. «A Lusitânia», Aveiro, 39 págs. e 3 Figs.

O livrinho, que foi editado pela mordomia das Festas de S. Gonçalinho em 1975, trata de S. Gonçalo na História e na lenda. Abre com o capítulo *Infância e Sacerdócio*. O 2.º capítulo descreve a *Peregrinação à Terra Santa*. Seguem-se os capítulos *Em Amarante*, *Na memória dos Homens*, e, por último, *Em Aveiro*.

A vida apostólica de S. Gonçalo — S. Gonçalinho, como com ternura e carinho lhe chamam os pescadores e os mareantes do bairro da *Beira-Mar*, da cidade de Aveiro—já pelo conhecimento histórico da sua vida de piedade cristã, já como doutrineiro pregador dos preceitos evangélicos nas suas muitas andanças pelas terras do Entre-Douro e Minho, nomeadamente nas cercanias amarantinas da Serra do Marão, bem merece as manifestações de culto e adoração do nosso povo, que faz dele o santo mais popular depois de Santo António.

A FESTA DE S. GONÇALINHO EM AVEIRO, EM JANEIRO DE 1984

A data da realização da festa é no dia 10 de Janeiro ou no domingo seguinte.

Como este ano de 1984, o 10 de Janeiro caiu a uma terça-feira a festa passou para o dia 15, domingo.

Nesse dia cheguei a Aveiro cerca do meio-dia.

Depois de instalado fui à capela de S. Gonçalinho. Quando lá cheguei já estava a findar a missa de festa com sermão.

Convidado por pessoa amigo a almoçar na sua casa bem vizinha da capela de S. Gonçalinho, pois dela a separa apenas

a largura da rua, seriam 14 horas e meia quando se ouviu tocar a sineta da capela num rápido e vibrante badalar.

Um dos convivas comentou.

— Lá começaram a *atirar as cavacas*.

O *atirar das cavacas* que se iniciou naquela tarde de domingo, primeiro dia da festa, repetiu-se nas tardes de segunda e de terça-feira, e mesmo na noite de domingo e de segunda-feira. É uma bem característica e original manifestação de tributo do culto e veneração prestados ao Santo pelos romeiros.

No desejo de cumprir os preceitos seguidos pelos romeiros, fui a uma das mesas das doceiras que se estendiam ao deslado da rua que leva à capela, e pedi para me vender 1 quilo de cavacas.

A doceira prontamente inquiriu:

— De quais? Das *de comer* ou das *de atirar*?

Perante a minha atitude, num misto de curiosidade admirativa e algo interrogativa, logo acrescentou.

— As *de comer* são moles, as *de atirar* são rijas.

O preço de umas e outras era igual, 260 escudos o quilo.

As cavacas rijas são na verdade bem duras. É preciso ter bons dentes para as rilhar.

Têm, no geral, a forma elíptica alongada, com cerca de um palmo de comprimento, mão travesa de largura e grossura entre 10 a 15 mm. São um tanto enconchadas. À primeira vista fazem lembrar uma pègada em terra mole. Algumas tinham a toda a periferia um rebordo saliente, mais alto e revirado numa das pontas que parece querer representar a proa dum barco.

Palmilha, pègada ou barco são as três hipóteses que julgo podem pôr-se à forma daquelas cavacas.

Uma das que comprei, e que conservo, tem de comprimento 19 cm, largura de 8,5 cm, grossura de 3 mm e com encurvado simétrico a meio de 6,5 cm de largura. Pesa 80 g.

Com as cavacas em saquinha de plástico fui à capela para as atirar.

Quando ia a subir as escadas de pedra em caracol que partem da sacristia, um dos mordomos da festa disse-me para não subir sem averiguar se alguém vinha a descer.



Fig. 1 — A capela de S. Gonçalinho e a multidão à espera do atirar das cavacas pelas pessoas que estão na platibanda ou varandim.

Esta fotografia e as seguintes foram tiradas pelo amigo Gervásio Aleluia Lapa de Oliveira

É que a escada é tão estreita, que se duas pessoas se encontram, uma a subir e outra a descer, uma delas tem de recuar ou então trespassarem num abraço de bem arrimado corpo-a-corpo e atento equilíbrio, pois os degraus são estreitos.

Subi os 37 degraus até à platibanda ou varandim em corredor a toda a roda da torrinha sineira.

Antes de se começar a atirar as cavacas há que tanger a sineta com repetidas e bem sonantes badaladas, que vi quase sempre manterem-se repicadas e vibrantes enquanto durava o arremesso.

É o aviso às pessoas que estão no terraço empedrado na frente da capela. Imediatamente algumas pessoas abrem guarda-chuvas, que, pegados pelas ponteiros, ficam ao alto postos em concha para melhor apanharem no ar as cavacas que lhe passem ao alcance. Mocetões, que se arrimam a varas de dois a dois metros e meio de comprimento, com *roda-fole* amarrado na ponta, a que ouvi chamar *nassa*, lépidos os soerguem, prontos a pescar no ar as cavacas que habilmente possam conseguir encafuar no saco de rede da ponta das varas.

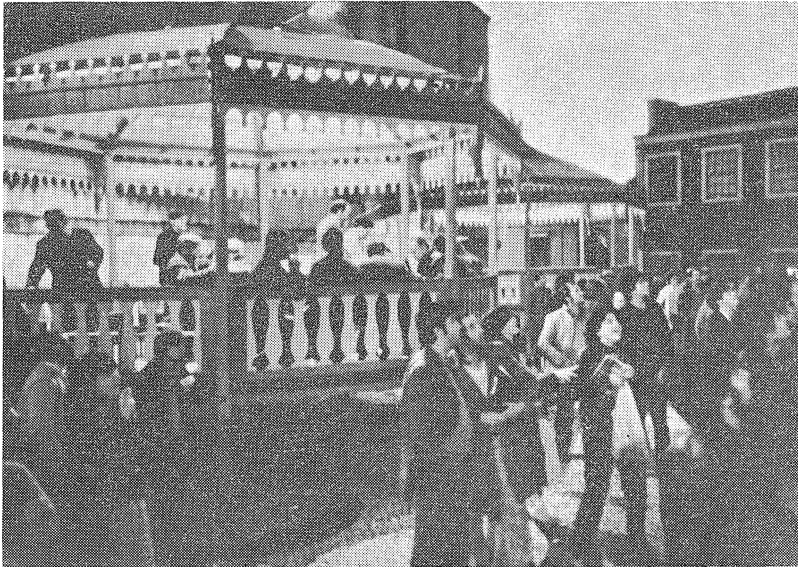


Fig. 2 — A multidão no terraço fronteiro à capela todos a olhar ao alto aguardam o atirar das cavacas.

Quase sempre atira-se uma cavaca de cada vez, como quem atira uma pedra, e jogada com força.

Só uma vez assisti ao arremesso das cavacas por um grupo de 5 ou 6 pessoas encostadas ao varandim de pedra da platibanda, em que uma delas atirava às três de cada vez e as outras 4 ou 5 iam atirando também, mas só uma de cada vez.

Foi uma verdadeira saraivada de cavacas, em que durante poucos minutos devem ter sido atiradas bastante mais de 100 cavacas.

Quando cheguei ao terraço em platibanda da capela logo me disseram que antes de atirar as cavacas era preciso tocar a sineta.

Quando me preparava para subir uns poucos de degraus de uma escadinha de ferro, uma mocetona ali ao lado antecipou-se e desatou a badalar em ritmo acelerado, como vi ser a regra geral.

Mal a sineta começou a baladar a gente que se encontrava dispersa pelo terraço empedrado e junto dos dois coretos das bandas de música, começou a concentrar-se frente ao sítio onde me encontrava, sempre a olhar ao alto, e logo uns 10 paus com roda-fole ou nassas, amarrados na ponta, se ergueram bem ao alto, e guarda-chuvas se abrirem de cabo ao alto e pegados pela ponteira ((Fig. 1).

As varas com saco de rede na ponta eram manobradas com habilidade, pescando no ar as cavacas que lhe passavam ao alcance.

Há que estar de olhos no ar, atento à trajectória das cavacas, para evitar apanhar com alguma na cabeça.

Contou-me um dos mordomos da festa que já não é nem a primeira nem a segunda vez que alguns distraídos ou desatentos se têm ido curar ao Hospital de rachadelas de cabeça. É que as cavacas são rijas e atiradas de um pouco mais de 10 m da altura.

Ao começo da noite do dia 16, segunda-feira, estava encostado à parede da casa atrás referida que só a largura da rua separa do terraço da capela, seriam umas 22 horas, e com o dono da casa que estava ao meu lado, comentava a quantidade de cavacas que várias pessoas iam atirando, umas atrás das outras, ao mesmo tempo que iam seguindo a platibanda à roda da torrinha sineira.

Em dada altura começaram a chover cavacas na nossa direcção.

Uma que me vinha direita à cabeça amparei-a com a mão, que me ficou a doer um bom pedaço, e que o companheiro a meu lado ainda apanhou no ar, saltada do embate na minha mão.

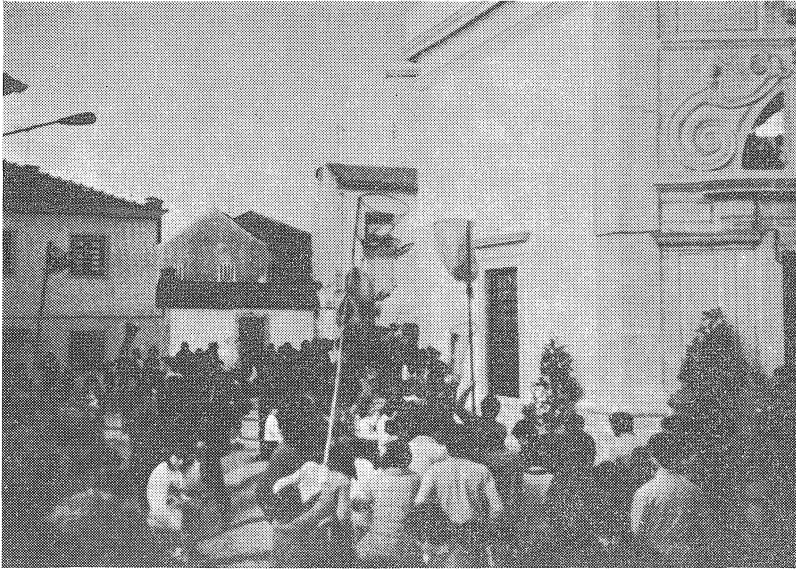


Fig. 3 — O atirar das cavacas a um dos lados da capela.

Uma cavaca que caíu no chão à nossa beira, ia a ser apanhada pelo meu companheiro quando uma velhota se dobrava no intento de a apanhar. Apanhou-a o meu companheiro e logo a deu à velhota, que deixou transparecer no rosto um misto de agradecimento e de satisfação por levar a cavaca que não se tinha partido.

Não consegui averiguar o porquê do interesse das pessoas em conseguirem as *cavacas atiradas*.

Contou-me um dos mordomos que na tarde de domingo apareceu uma senhora de Aveiro com duas grandes sacas de cavacas, cada uma com alguns quilos, talvez uns 3 a 4.

Subiu ao alto da capela e atirou todas as cavacas de uma das sacas.

Quando desceu e estava para ir embora entregou a saca com cavacas a uma mulher que estava ao lado, afastou-se um pouco e pediu-lhe que lha *atirasse*. Apanhou a saca no ar às mãos ambas e logo abalou. Estava cumprido o simbólico rito do arremesso.

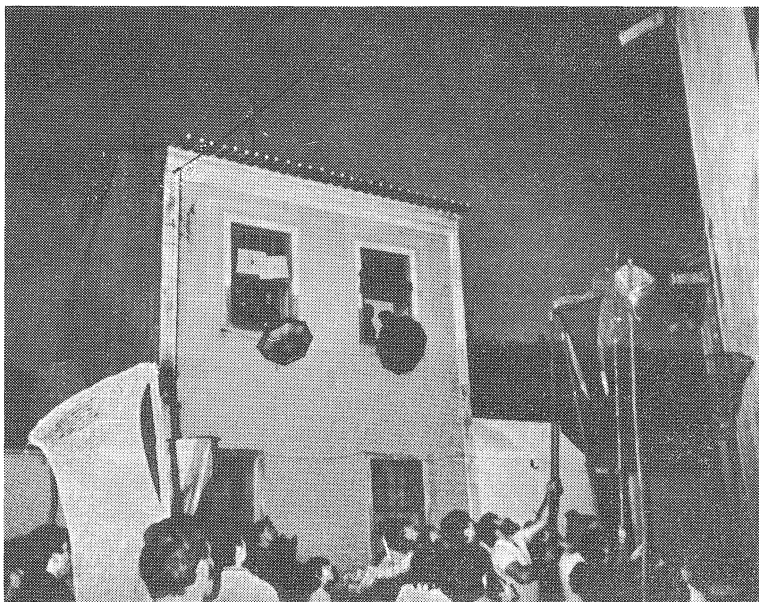


Fig. 4 — Já de noite continuou o atirar das cavacas. Nas janelas 2 guarda-chuvas abertos em concha para receber as cavacas.

Na tarde do dia 15, domingo, o arremesso das cavacas começou, como já disse, pelas 14,30 horas. Manteve-se com naturais intermitências toda a tarde, e ainda pela noite adiante houve chuva de cavacas.

Um dos mordomos, Sr. Américo Fernandes dos Santos, meu gentil informador, disse que na tarde e noite de domingo se calculou terem sido atirados mais de 200 quilos de cavacas. De facto quando pelas 22 horas passei no terreiro fronteiro e

à roda da capela vi o chão astrado de pedaços de cavacas todos pequenos. Os maiores eram poucos os que excediam o tamanho de bugalhos.



Fig. 5 — Uma garotinha, que se deixou fotografar pelo meu companheiro Gervásio Aleluia com o guarda-chuva aberto em concha já caçara no ar as cavacas que tinha na saca.

2.º DIA DA FESTA: SEGUNDA-FEIRA

Toda a manhã a festa prosseguiu embora com menos afluência de romeiros. Então pude observar com algum pormenor os altares da capela.

O altar-mor, com a imagem do S. Gonçalinho empunhando a bengala, estava ornado com uns 120 lindos cravos brancos e 4 jarras com tulipas amarelas.

O altar do lado do Evangelho com a imagem do Ecce-Homo estava enfeitado com cerca de 10 dúzias de cravos

cor de rosa. Do outro lado do altar-mor é o altar de S. Nicolau, igualmente enfeitado com a mesma quantidade de cravos cor de rosa.

No altar-mor do S. Gonçalinho, na mesa e nas banquetas, contei as seguintes peças de cera: 6 pernas; 5 cabeças, 4 pequeninas e 1 maior; 1 pé; 2 velas compridas estendidas no degrau do altar.

Mas na noite do dia seguinte na pequena sacristia por trás do altar-mor contei as seguintes peças de cera:

9 pernas, 7 de adultos e 2 de criança; 3 braços; 1 mão; 3 pés; 7 cabeças; 5 estatuetas; 4 colares de cera ou gargantilhas; oferendas de milagrosas curas por intercessão do S. Gonçalinho, que é especialmente invocado para a cura de doenças nos ossos.

Ninguém me soube explicar a preferência de cravos a enfeitar os altares e o significado da oferta de cravos ao S. Gonçalinho, dos quais vi 7 ramos de cravos vermelhos postos no chão ao pé do altar.

Na tarde de 2.^a-feira continuou o arremesso de cavacas do alto da capela que começou cerca das 15 horas e, com intermitências maiores ou menores, continuou toda a tarde.

Às 18 horas, já anoitecido, vários romeiros continuavam a atirar cavacas, e, sem que eu saiba porquê, foram-nas atirando ao mesmo tempo que iam andando na platibanda ou varandim à roda da cúpula sineira, que uma pessoa tocava ininterruptamente. Atiraram as cavacas à frente, aos lados e atrás da capela que é de planta hexagonal. A multidão, onde se viam alguns paus ao alto com nassas amarradas nas pontas, guarda-chuvas abertos pegados pela ponteira, de olho atento e mão lépida, pronta a apanhar no ar as cavacas que lhe passassem ao alcance, foi também andando à roda da capela.

ADORAÇÃO AO S. GONÇALINHO

À meia tarde do dia 16 as muitas pessoas que quase enchiam a capela cantaram ao S. Gonçalinho os versos que

gentilmente me forneceu um dos mordomos e que a seguir se publicam.

I

Vamos todos em romagem
Nossas ofertas levar,
E, perante a sua imagem,
S. Gonçalinho adorar.

II

Ele é nosso padroeiro.
Bem merece devoções,
O santo mais milagreiro
De tão nobres tradições,

III

Santo casamenteiro
Casai as feias e as belas.
Nosso santo rapioqueiro
Não te esqueças das donzelas.

IV

Faz o nosso casamento
Rico santo tão formoso.
Terás ofertas de espavento,
Um presente primoroso.

V

No teu dia que festança,
Para ti vai nosso carinho.
Hás-de ir connosco na dança
Ó rico S. Gonçalinho.

VI

Hás-de saltar as fogueiras
A noite do arraial
Dansar com velhas gaiteras
Uma dança divinal.

ENTREGA DO RAMO AOS NOVOS MORDOMOS

Pouco passava das 18 horas fez-se a *entrega do ramo* aos novos mordomos.

O ramo é grande, de flores artificiais, e há muitos anos é conservado com religioso cuidado. Tem um eixo de pau com punho (Fig. 6).

É levado pelo presidente da mordomia com animado acompanhamento organizado no terraço fronteiro à capela.

A música a tocar é seguida por acompanhamento numeroso. Algumas pessoas vão bailaricando.

No acto da entrega do ramo o recipiêdo beija o ramo, e em sua casa entram os mordomos, os músicos, alguns amigos e bebe-se um copo de vinho.

Informou um dos mordomos que dantes como aos mancos não lhe era fácil tomar parte no acompanhamento da entrega do ramo, estes ficavam no terreiro e dançavam animadamente.

Este ano não soube que se tenha feito tal dança dos mancos.



Fig. 6—O velho ramo da mordonia que todos os anos é entregue aos mordomos que entram.

O que houve, eram 19 horas, no regresso da música da entrega do ramo, foi um animado bailado da muita gente que enchia o terraço fronteiro à capela.

Encostado a um dos coretos da música, assisti àquela animada dança, ora aos pares, ora de mãos dadas formando roda, que chegou a quase toda a largura do terraço.

Em dada altura uma distinta senhora já de alguns cabelos brancos, que dançava animadamente, veio arrastar-me e tive mesmo de dançar apoiado na bengala e no braço daquela minha inesperada e gentilíssima companheira.

Ao fim de poucos minutos fizeram grande roda e eu e a minha gentil companheira no meio íamos dançando enquanto a roda ora à direita ora à esquerda dançava com esfusiante alegria.

Aquela dança não se podia chamar dança dos mancos pois fui eu o único manco que nela se viu dançar.

Fui forçado a compartilhar naquela entusiástica agitação coreográfica, em que, durante talvez 20 minutos a meia hora, todos dançaram animadamente quase sem parança.

Quando a música ao fim de alguns minutos deixava de tocar estalava um palmeado tão vibrante e demorado que os cansados músicos não tinham outro remédio senão abocar os instrumentos e tocar ao compasso marcado pelo bombo.

Estava no programa fazer-se a *dança dos mancos* pelas 23 horas na capela, que eu não deixaria de ir ver, pois era esse o motivo fundamental da minha ida à festa do S. Gonçalinho.

Na dança em que fui arrastado a compartilhar, que começou cerca das 19 horas e se conservou animada uma boa meia hora ou a passar, vi a dançar algumas senhoras e cavaleiros da primeira sociedade aveirense.

A gentilíssima senhora que me arrastou a dançar combinou que seríamos o par na *dança dos mancos* às 23 horas.

Afinal soube-se, quase ao chegar a hora aprazada, que a *dança dos mancos* só se faria no dia seguinte às 23 horas.

Na noite do dia 16, cerca das 22 horas, a sineta tocou vibrantemente. Saí da casa vizinha, que, como disse, ficava separada do terraço da capela apenas pela largura da rua, assisti a uma verdadeira saraivada de cavacas. Vários homens no varandim ou platibanda do alto da capela atiravam cavacas.

Um deles atirava às 3 de cada vez. Os atiradores de cavacas foram seguindo o varandim à roda da cúpula da sineta,

sempre badalada insistentemente. Arremessaram cavacas para as pessoas que estavam no terraço fronteiro à capela. Depois andando à esquerda continuaram a atirar cavacas ao lado, na traseira da capela e depois do outro lado. Ora era precisamente deste lado que fica a casa da pessoa amiga que gentilmente me abriu as portas e que naquele momento estava a meu lado.

Não sei porquê fomos bombardeados por um chuvaireiro de cavacas. Se não meto a mão a uma cavaca que me vinha direita à cabeça talvez ficasse com ela rachada. Aliás um dos mordomos, com quem falei naqueles 3 dias da festa, já me tinha dito que não tem sido só 1 nem 2 os que de cabeça rachada pelas cavacas têm ido ao hospital suturar a rachadela.

Calculo que naquele período de pouco mais de 5 minutos foram atiradas mais de 50 cavacas.

Numa volta que dei pelo terraço vi-o semeado de quantidade de pedaços de cavacas; também os havia na rua fronteira à casa onde eu estava, embora em menor número.

3.º DIA DA FESTA: 17 DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA

O terceiro dia da festa estava assinalado pela *dança dos mancos* que se faria na capela entre as 23 e as 24 horas.

Às 21 horas com o excelente companheiro daqueles três dias, António Januário Rodrigues Barros, aveirense, casado com uma minha neta, chegamos às 23 horas à capela que ainda estava fechada.

Passados poucos minutos chegaram 8 mulheres, uma das quais abriu a porta da sacristia. Eram as zeladoras da capela. Vieram depois mais 6. Sentadas nos bancos da capela conversaram animadamente.

Foram chegando alguns homens, uns 15, e alguns mordomos.

Em dada altura as mulheres com um ar de satisfação e de alegria, claramente manifestados, começaram a cantar as 8 estrofes que a seguir se publicam.

<p>S. Gonçalo arredai os bancos. Eu quero dançar Uma dança de mancos. Quando os mancos Querem dançar Que farão aqueles Que podem andar. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo de lá de Cima É das véilhas corraleiras. O Santo de cá de baixo É das novas pescadeiras. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>Oh meu rico S. Gonçalinho Casai-me que bem podeis Eu já tinha teias de aranha Naquilo que vós sabeis. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo está a mijar ⁽¹⁾ Três navios fez andar Ainda lá vem um à vela Para S. Gonçalo acabar A mijadela ⁽²⁾. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p>	<p>S. Gonçalo, a minha mulher mente. Eu casei com ela Mas não estou contente. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>S. Gonçalo foi ao forno, Tôdo cabelo queimou. A culpa não foi do Santo. Foi de quem o lá mandou. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>Se fores a S. Gonçalo Trazei-me um Gonçalinho, Se não poderes com o grande Trazei-me um mais pequenino. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p> <p>Se fores a S. Gonçalo Trazei-me um cestinho de ovos. Se eles disserem que são poucos, Dizei que não são chocos. Ai sim ai sim Ai sim ai não. Santo da minha alma, Do meu coração.</p>
--	--

(1) Este verso melhorava substituindo o *está a* por *com*. Aliás no Congresso Internacional de Etnografia que se fez em Santo Tirso em 1965

Parece que estas estrofes, das quais, um dos mordomos gentilmente me deu uma cópia, são as mesmas da ária a cantar pelos mancos durante a dança que eu esperava ver dançar.

As 21 horas e 45 minutos as mulheres começaram por arrumar na sacristia as cera das promessas dos devotos. Depois seguiu-se o arrumo dos altares.

Tiraram os muitos cravos que os enfeitavam e suas jarras, que foram colocando nos bancos.

Trepadas em cadeiras, com panos, foram, de cima a baixo, limpando o pó das banquetas e mesas dos altares.

Eram 22 horas e 15 minutos quando, depois de terem arrumado tudo, as flores e jarras e limpado o pó; começaram a repor as jarras com algumas flores escolhidas na profusão das que enfeitavam os altares.

As mulheres eram 20 e também contei 20 homens.

O presidente da mordomia Sr. Cabral Monteiro durante alguns minutos falou ao microfone de um registador de som, certamente do repórter de qualquer jornal.

Seriam 22 horas e 45 minutos depois de enfeitados os altares as mulheres sentaram-se nos bancos e voltaram a cantar a mesma ária que haviam cantado de entrada.

Reparei que alguns homens foram saindo a pouco e pouco. Poucos ficaram e só as 20 mulheres.

ouvi cantar a um grupo folclórico algarvio, ao som do «Corridinho», os seguintes versos.

Uma velha muito velha	Sete barcos fez andar.
Foi mijar ao Rossio.	Tragam lá um alguidar
Deu-lhe o vento na gaiola	Qu'a velha inda quer mijar.
Fê-la mijar de assobio.	Tragam lá uma tijelinha
À primeira mijadela	Qu'a velha inda tem pinguinha.
Fez andar um barco à vela.	E ao fim a velha clamou
E a velha com mijar	Que com vergonha não mijou.

(2) Em Montalegre, quase à entrada daquela típica vila trasmontana, e à borda da estrada, há a *Fonte da Mijadela* assim chamada por o seu delgado fio de água ser tal e qual o fluxo da urina no acto da micção.

Quando eu esperava que elas comesçassem a arredar os bancos e deixar livre o meio da capela para se fazer a dança dos mancos, pelas 23 horas menos 5 minutos o mordomo Sr. João Monteiro veio dizer-me que afinal já não se fazia a dança, e explicou: «os 10 ou 12 rapazes, consados com os trabalhos da tarde, não quizeram vir».

E assim terminou a minha ida à festa do S. Gonçalinho sem ter visto a *dança dos mancos*, que havia sido marcada para a noite de segunda-feira, adiada para aquela noite de terça-feira e que, afinal, se não fez, «por os rapazes estarem cansados de trabalhar».

ALGUMAS NOTAS COMPLEMENTARES

A bengala de S. Gonçalinho

O S. Gonçalinho, quer na imagem do cimo do altar-mor, quer nas estampas que se dão aos devotos que deixam esmola, é representado com a bengala segurada a meio pela mão direita do santo.

É aquilo a que o povo alude chamando-lhe a bengala ou a bengalinha de S. Gonçalo.

Um dos mordomos da festa deste ano teve a gentileza de me mostrar uma bengala de prata que tem gravada a data de 1916. Essa bengala que não pude medir mas deve ter 80 a 85 cm de comprimento foi oferecida em 1916 pelo aveirense José Rodrigues de Paula Graça, «homem que andou muitos anos pelo Brasil, sem nunca sofrer qualquer acidente de que resultasse manqueira».

Supõe o meu informador que o ofertante da bengala de prata a teria dado ao S. Gonçalinho no cumprimento da promessa de dar ao Santo uma bengala de prata se nas suas muitas andanças por ásperas terras brasileiras nunca ter tido qualquer acidente, que, por manqueira, viesse a precisar do arrimo da bengala. Esta informação interpretativa do meu gentil informador tem plausibilidade.

AS PEGADINHAS DE S. GONÇALO E AS COVINHAS FEITAS PELA SUA BENGALA

Na freguesia de Luzim, concelho de Penafiel, há uma pedra de granito grosseiramente cônica, toscamente aparelhada e espetada a prumo na terra. Tem 2 m e 20 cm de altura e é conhecida na região pelo nome de *marco de Luzim*. De colaboração com o amigo P.^o José Monteiro de Aguiar apresentamos em 1940 ao 1.^o Congresso dos Congressos do Mundo Português o trabalho *O menhir de Luzim (Penafiel)* (1).

A atestar a natureza pré ou proto-histórica do *marco de Luzim* há junto dele uma mamôa e um pequeno conjunto de gravuras rupestres em forma de pègadas e covinhas, conhecidas pelo nome de *pegadinhas de S. Gonçalo*.

As figs. 6 e 7 do trabalho cit. mostram 4 pègadas pequenas, como de criança, postas em dois pares, frente a frente, e 3 covinhas.

Aquelas pègadas, diz a lenda, resultaram da impressão dos pés de S. Gonçalo e as covinhas foram feitas pela ponteira da bengala do mesmo Santo.

Este, zangado por a gente de Perozêlo não lhe deixar fazer ali um mosteiro, dali arremessou a bengala que, milagrosamente, foi cair a algumas léguas, em Amarante, no sítio onde hoje existe a igreja consagrada a este Santo casamenteiro (2).

(1) P.^o José Monteiro de Aguiar & J. R. dos Santos Júnior, *Menhir de Luzim (Penafiel)*, in «Congresso do Mundo Português», 1940, I Volume-Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré-história e Proto-história; Lisboa, 1940, págs. 209-217, e 7 figs.

(2) Lenda similar se conta referente à Senhora da Penêda que teria aparecido em forma de pomba a uma pastora que apascentava um rebanho. Leite de Vasconcelos no seu livro *De terra em terra*, Lisboa, 1927, Vol. I, escreve: «A uma pessoa ouvi também que a Senhora no Alto do Miradouro atirara com a sua cacheirinha ao longe, a qual caíra no sítio em que se levantou o mosteiro (sinónimo de igreja grande)».

Quanto ao atributo de santo casamenteiro das velhas que lhe confere o povo, o Rev. P.^o João Gonçalves Gaspar no seu livrinho citado, na

Outra lenda diz que aquelas pègadinhas, «umas para lá e outras para cá», são, não de um S. Gonçalo mas de dois S. Gonçalinhos, um de Amarante e o outro de Jugeiros (¹), que ali se encontravam quando faziam visita um ao outro.

Das quatro pègadas, as duas do lado norte são mais perfeitas do que as outras, distinguindo-se, excepcionalmente, numa delas, a indicação dos dedos.

É interessante acentuar que neste par de pègadas, a da direita corresponde ao pé esquerdo e a da esquerda ao pé direito.

As outras duas pègadas não são tão perfeitas e uma delas apresenta um esboço de covinha na parte correspondente ao calcanhar.

O SIMBOLISMO NO RITO DO ATIRAR AS CAVACAS

O atirar das cavacas na festa do S. Gonçalinho é um velho e inveterado costume daquela bem movimentada festa.

pág. 16, escreve que «entre gentes que acorriam à sua ermida sobre o Tâmega e à sua pregação sempre moralizante, se evidenciaram os habitantes da freguesia de Aboadela do Marão então denominada de *Ovelha*. Como o bondoso apóstolo conseguisse religiosamente legalizar muitos casais daquela terra, que viviam em relações imorais, começaram a apelidá-lo de casamenteiro dos de *Ovelha*, alcunha que estropiada chegou aos nossos dias».

Outra razão que também pode evocar-se é a de muitos casais, não só de *Ovelha* mas também de outras aldeias, há muito juntos e quiçá com uma ranchada de filhos e talvez de netos, à pregação de S. Gonçalo terem legalizado o seu matrimónio em obediência aos justos preceitos católicos. Daí o de no acto do casamento serem já velhos o homem e a mulher consorciantes. O povo no apurado sentido de que é mais fácil casar o homem do que as mulheres, restringiu às velhas a acção consorciante do Santo.

(¹) Jugeiros é uma importante povoação da freguesia de Santa Clara do Torrão, do Concelho do Marco de Canavezes situada na margem direita do Tâmega encaixada na área do Concelho de Penafiel, onde existe uma capela pública dedicada a S. Gonçalo, com estrondosa festa anual; fica imediatamente a sul de Luzim, enquanto que Amarante fica muito para Norte.

É velha usança sem dúvida imbuída de sentimento religioso, mas, ao mesmo tempo, carregada do sentido mágico do arremesso, no qual podemos considerar pelo menos 4 elementos.

É que sempre que se atira ou arremessa qualquer coisa há que atentar ao que se atira, como se atira, para onde se atira, com que finalidade se atira e ainda, como é usual em algumas práticas rituais, aos dizeres ou fórmulas votivas que antecedem ou acompanham o acto simbólico do arremesso.

Pela variação de algum ou alguns destes elementos se constituem as modalidades regionais.

No simbólico arremesso das cavacas entram pelo menos quatro dos elementos que acabamos de apontar.

As *cavacas* em si mesmas, o *atirá-las* como quem atira uma pedra, o serem atiradas da platibanda do *alto da capela*, para a *multidão* que à roda da capela está preparada para as apanhar.

Ainda poderíamos considerar mais um elemento quanto à quantidade, de cavacas que vão ser atiradas. Não consegui averiguar se o acto do arremesso das cavacas é precedido ou acompanhado de qualquer dizer ou fórmula votiva.

A cavaca em si mesma

A cavaca é grande com o comprimento de cerca de um palmo. Tem a forma sensivelmente elíptica alongada, um tanto enconchada, que lembra uma pègada em terra mole.

São largamente pulvilhadas de açúcar.

Algumas têm a toda a roda um rebordo mais ou menos soerguido, às vezes mais levantado num dos topos, que parece querer representar a proa dum barco.

No entanto a impressão de pègada foi a primeira que se nos impôs, aliás talvez por me lembrar das *pègadinhas* de *S. Gonçalo* que vi e estudei num penedo de granito junto ao *menhir de Luzim* a que atrás me referi.

Das cavacas que comprei, conservo uma que tem de comprimento 19 cm, largura 8,5 cm, grossura 10 a 12 mm e de peso 80 gr.

O atirar das cavacas

O atirar ou arremessar isto ou aquilo, umas vezes simplesmente para diante, outras vezes para os lados, ou para trás das costas, que aparece em velhas costumeiras do nosso povo e no de muitos países da Europa, tem sido considerado pelos etnógrafos como um rito propiciatório.

No trabalho *O arremesso dos dentes de leite*, publicado em «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. XIX, Porto, 1965, págs. 299-351, publiquei as muitas modalidades do generalizado costume de a criança quando lhe cai o primeiro dente de leite, o atirar, para trás das costas, quer para cima do forno ou do telhado, para a borrarreira ou cinzeiro, para trás da porta, ou simplesmente para a terra, ou ainda metê-lo no buraco duma parede.

Em 24 págs. publiquei as muitas modalidades do simbólico arremesso dos dentes de leite correntes em muitas terras de norte a sul do país, e as locuções ou fórmulas votivas que antecedem o atirar do dentinho.

Depois nas páginas 321 a 342 procurei discernir os vários elementos inerentes ao arremesso dos dentes de leite e interpretar o singelo acto de atirar qualquer coisa com finalidade peticionária ou propiciatória.

O arremesso em si mesmo, isto é, o simples acto de atirar, tem, em certas práticas votivas, um significado criador, e, certamente, de fundo mitológico ⁽¹⁾.

(1) Ao arremesso em si mesmo, isto é, o simples gesto de arremessar pode artubuir-se ignificado criador.

Isto foi posto para o arremesso dos dentes de leite em justo realce por André Schillings (*A propos d'une coutume infantine*, in «Revue Anthropologique», 39.^e Année, Paris, pág. 406), e por Santyves (*Le valeur du jet magique comme rite de ficondité* (A propos de la note de M. André

Tanto o arremesso do dentinho de leite, como tantos outros actos de atirar certas coisas, de certa maneira, para determinados sítios, em obediência a consagrados preceitos, entram na categoria de mitos.

Os mitos, como escrevi nas págs. 342 e 343 do meu cit. trabalho, são um conto ou narrativa, uma atitude ou modo de comportamento que correspondem a uma estreita dependência duma coisa humana inexplicável com alguma coisa transcendente, invisível, superior, divina, que seria a razão determinante das coisas humanas a que se desconhece a verdadeira razão de ser. O mito é um arrimo a encobrir a ignorância dos homens.

E assim é que a credence popular, a superstição, julga que seres imaginários e superiores, quase divindades, dotados de excepcionais faculdades, são a razão de ser de muitas coisas humanas, e que, por meio de ritos peticionários, se pode conseguir o seu auxílio altamente benéfico.

O arremesso dos dentes de leite é feito quase sempre para trás das costas, para o mundo dos espíritos, apresenta em algumas das suas modalidades, actos, comportamentos, ou expressões, que, sem a menor dúvida, se enquadram na magia de simpatia. Neste tipo de magia o semelhante actua sobre o semelhante por acção dum ser superior, que é a expressão suprema e transcendente do mito.

Schillings), id. id. id. págs. 407-411), 40.^e année, Paris, 1930, págs. 87-89), Este último autor, sem negar a significado simbólico do simples arremesso, na pág. 88 do seu trabalho realçou o facto de ter significado simbólico o arremesso para trás das costas, interpretado como um sacrifício ou manifestação de culto prestado aos espíritos dos mortos, para neutralizar a sua possível malignidade e, ao mesmo tempo, antes, e sobretudo, conquistar a sua também possível e ampla acção bem-fazeja. É crença geral que esses espíritos estão na posse do segredo da vida e têm a virtude mágica de a fazer renascer.

Com tal poder, que a superstição lhes atribui, é lógico acreditar que possam regular, orientar e dirigir o nascimento e o crescimento do novo dente que há-de vir a substituir o dente caído.

O comportamento, atitude peticionária e votiva, com a adjuvância mágica de qualquer coisa semelhante àquilo que se pede — materialização concreta daquilo que se busca, — procura conseguir que o poder superior que se evoca, por seu intermédio, se transmita à coisa humana e seja exercido do modo mais conveniente e profícuo.

Assim o simples acto de atirar as cavacas do alto da capela de S. Gonçalinho pode interpretar-se como comportamento votivo e peticionário ao Santo, para que sempre mantenham a integridade fisiológica do braço a permitir fácil e amplo gesto de atirar o quer que seja.

Para onde se atiram as cavacas

Antigamente o terraço empedrado fronteiro à capela de S. Gonçalinho era um terreiro. Naquele chão de terra se dançava e ali se espetava o pau ensebado, com sua regueifa de pão, peixota de bacalhau e cabaça de vinho amarrados na ponta.

É também para diante e para a terra que o lavrador lança as sementes no acto da sementeira dos cereais. Acto nitidamente concretizante de criação das seares.

Por tal motivo os arremessos para diante do quer que seja a arremessar, corrente em tantas usanças de magias mitológicas, têm sido interpretados como gestos simbólicos de criação.

O certo porém é que não se podem atirar as cavacas sem o antecipado e vibrante toque da sineta, aviso condicionante do ajuntamento de pessoas no intento de apanhar as cavacas caídas no chão ou pescadas no ar, com sacos de rede nas pontas de paus ou com guarda-chuvas abertos e seguros ao alto pelas ponteiras.

Quer dizer, atirando-se do alto da capela para baixo, em direcção à terra, tal arremesso não deve fazer-se sem que haja gente sempre manifestamente ansiosa de apanhar as cavacas.

Confesso o embaraço de interpretação destes condicionamentos, a menos que seja o evitar cabeças rachadas.

Por que se atiram as cavacas

Em face das peças de cera atrás referidas, pernas, pés, braços, mãos, cabeças, argolas ou gargantilhas e estatuetas, trazidas por romeiros devotos, certamente no cumprimento de promessas feitas pela obtenção de cura ou alívio de moléstias penosas nas partes do corpo que as peças de cera simbolicamente representam, pode dizer-se que se evocou a intercessão do milagroso S. Gonçalinho na cura ou alívio de doenças das partes do corpo simbolizadas pelas respectivas peças de cera.

Isto porém parece não poder participar do gesto do atirar cavacas, que, podendo ser interpretado, como dissemos, como um gesto de criação, fica-se sem saber que tipo, ou que tipos de criação hajam em vista os atiradores de cavacas. Provavelmente poderão ser múltiplos, dado o ilimitado poder da santidade, mas, sem dúvida, todos salutareos e benéficos.

É grandemente embaraçosa a procura da razão do arremesso das cavacas, e confesso não atinar com a sua interpretação.

A quantidade de cavacas a atirar

Certamente que a quantidade de cavacas a atirar, um ou mais quilos, depende do fervor peticionário da impetração feita ao milagroso S. Gonçalinho.

Dois tipos de oferenda quanto à quantidade de cavacas a atirar do alto da capela fiquei a saber, por gentil informação de um dos mordomos da festa deste ano de 1984.

Uma das oferendas, informou o mordomo, pode ser atirar tantas cavacas quantas as que em comprimento correspondem à estatura do ofertante.

Como o tamanho das cavacas se pode considerar tendo mais ou menos uns 19 a 20 cm de comprimento por 8 a 9 cm de largura pode-se calcular o número de cavacas, postas lon-

gitudinalmente ou ao través, necessárias para dar a altura do ofertante.

Outra informação, que me pareceu um tanto estranha, e que não consegui confirmar ou infirmar, é a de que a quantidade de cavacas a atirar deve ser de tantos quilos quantos pesa a pessoa. A um meu reparo o informador disse que não era forçoso atirá-las todas de uma vez, mas que podiam ser espaçadas por vários anos. Acrescentou que no caso de morte não ter sido cumprida totalmente a promessa, a família assume o encargo, que será religiosamente cumprido, de atirar, num ou mais anos, o número de quilos de cavacas que faltar para completar o número de quilos que pesava o promissor na altura em que fez a promessa.

CONCLUSÕES

Na festa do S. Gonçalinho há duas manifestações um tanto estranhas que são o atirar das cavacas e a dança dos mancos.

O atirar das cavacas pode considerar-se como um rito de arremesso, que por ser atirado para diante, entra na categoria dos ritos de criação.

Mas porquê as *cavacas rijas*?

Não conseguimos averiguar a razão deste tipo de cavacas, como aliás de outras manifestações devotas, cujos fundamentos ficam por desvendar como atrás deixei indicado no texto.

Quanto à dança dos mancos, tanto quanto pude averiguar, era de norma fazer-se ao fim da tarde do segundo dia de festa, no terreiro em frente da capela durante a entrega do ramo aos novos mordomos, e na terça-feira, entre as 23 e 24 horas, diante do altar de S. Gonçalinho com a capela de portas fechadas.

Esta dança dentro da capela que sempre se fazia nos mais anos atrás era o remate da festa.

Neste ano de 1984, como ficou dito, a dança dentro da capela esteve anunciada para a noite de segunda-feira, foi

adiada para terça-feira à noite e terminou por não se fazer por «os rapazes estarem cansados do trabalho da tarde».

Parece que a dança nos mais anos passados era feita por devotos sãos e escorreitos que *simulavam manqueira*, cada um a seu jeito, embora nela comparticipassem acidentalmente um ou outro manco. Sendo assim, como informaram que era, a dança não era dos mancos mas de sãos e escorreitos a fazer de mancos.

De qualquer modo, e embora fiquem por esclarecer as razões de alguns estranhos mas bem característicos comportamentos dos devotos e festeiros da romaria de S. Gonçalinho, procuramos dar a contextura geral da festa que, desde há muitos anos, os pescadores e mareantes do antigo bairro da Beira-Mar fazem ao S. Gonçalinho.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
12 Fevereiro de 1984.

A fala que aprendi

Na aldeia de Quintã-Campeã concelho de Vila Real

POR

António Joaquim da Eira e Costa (*)
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Estas notas etnográficas vão escritas em linguagem popular, embora sem a pretensão de constituírem um estudo linguístico, e muito menos um trabalho sobre fonética de rigor científico e tecnicamente perfeito.

Gostaria de apresentar coisa nesses moldes; mas talvez num futuro próximo.

Peço ao leitor para não reprovar os inúmeros parêntesis explicativos que me pareceram a melhor forma de evitar igual número de notas e que seriam muito maçadoras.

Rogo à sua boa vontade para verem ou adivinharem neste linguajar do povo a actualidade e actividade dos fenómenos fonéticos e morfológicos em contínua evolução.

Na forja quente e viva do falar, molda o povo, a seu jeito, a língua que tem de ser viva.

A LABOEIRA (LAVOURA) ⁽¹⁾

Na fala qu' aprandi (aprendi), há palavras muito belas. Num digo qui (que) as num haija (haja) taméin nobas. Algũas

(*) Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

(1) Na linguagem de Quintã, os seus habitantes, apodados de calçonicos, desconhecem o fonema v.

(algumas) deibe (debem) ter sido trituradas polo (pelo) martírio da ignorância; oitras (outras) pelo prancípio (princípio) do menor esforço ou desbastadas talbeç, (talvez) por mor dos oubidos as num rejeitair (rejeitarem), e seir (serem) ó (ao) manos (menos) como filhas adoptada^s, para melhor (melhor) se podeir (poderem) dezer (dizer), e se fazer mais pulido e mais rico o câleiro do raciocinar im boz alta.

O arado do labrador, se com muinto custo rasg'-ós (rasga os) terrões prá (para a) semanteira do milhão e das batatas, da mema forma se retesa e faç (faz) que caio-nas (caiam as) bagadas de suôr, pra trazer im dia a laboeira da luç (luz) com qui as palavras c'stumo (costumam) aclará-lo (aclarar o) pansamento. Isto é sampre ùa luita (luta), ùa guerra de todos os tempos (tempos).

Há neubas (névoas) que toilhe-no (tolhem o) sol, assim como há i auga (água) qui o terrão num 'storba dela dar sinas ó tentar remelecer (brotar).

Será i esta ùa comparança prá linguaige de Quintã.

A sombra do acipreste (cipreste) é pouca, na hora do mei'-dia; mas deixai-a tomar o fôl'go do intardecer e logo bereis a 'standedela qui a sombra dá.

O releixado (relaxado) que num aprobeit'ó tampo, irá de noite 'scolher na i arbe (árvore) a fruita madura? Irá depois ficar à 'spera do relampo (relâmpago) da treboada (trovoada), pra deixar a fruita berd' ou tomar o peso à larainja que tem mais çume (sumo)? Quanto mais, nisto de çumi, o tirar-lhe a proba num é só ó dár a dantada (dentada). Ó depois é que bem no apreciar das cousas.

Eu qu'ria dar ùa mordiscadela na maçã da linguaige da minha aldeia, a terra dos calçonicos. E quem quijer (quiser) apreciar no 'studo o sabor arcaico ou neologista do falar do meu dialecto ou as enormes transformações da nossa morfologia, a metamorfose dos fonemas ou a migração das letras, bem como a acção de subjugar os berbos pola força indomábel d'ua bontade cheia de determinação, tanha (tenha) a paciência de sperar, que já lh' of'reço algũa fruita.

A fonética, im Quintã, é herdada como que por lei de morgadio.

Ós tropeções aqui e ali, iremos dar conta de muintos sagredos da língua.

Num se ponha ninguém a dezer ai Jasús (Jesus) ou a gritar à-quedilrei (aqui-d'el-rei)...

Num se julgue que se algũa bejita (visita) a Quintã se derejir (dirigir), bai ser mal atandida, à conta di (de) a tratair (tratarem) c'm'a qu'um (como que) rebotalho (rebotalho) da língua de Camões.

Oixalá qu' im todas as terras houbesse a fidalguia com que cá se recebe (recebem) os que pra cá se dereije (dirigem).

Presta-se o mesmo cerbiço (serviço) de acolhimento ós de perto e ós de loinji (longe). Dá-se igual fatia de pão tanto ó letrado c'm'ó pobre das portas, por seir (serem) criaturas de Deus, pertançantes à mesma irmandad.

Si im Quintã acontece dar-se um pedaço grande de pão a um piqueno, taméim acontece al (às) bezes dar-se um pedaço picano (pequeno) a ùa pessua grandí.

Por isso, na troca indef'rançada do é e do á, na'ce o dezer 'scarminho dos dali à roda:

«Os de Quintẽ coime (comem) fajões (feijões) com cõdias... e dize (dizem) pẽo im beç de dezeir (dizerem) pão»!

Porém, logo oubium (ouviam)a resposta de sampre, pronta e mordaç (mordaz):

«Si os de Quintẽ coime fajões insopados com cõdias, é porque 'inda tem (têm) cõdias pra insopar c'os fajões; mas bós, muintas bezes, prás comer, tindés (tendes) di (de) as ir lá pedir, de mão 'standida e ó chapéu na mão»!

Sampre nos assiste a baidadezinha de nos podermos gabar de nunca im dias de bida alguéim de Quintã andar de porta im porta a mandigar o pão.

Se ter pão sampr' im abundância i é ser rico, com rezão os prõbõs nossos bezinhos nos chamaro (chamaram) toda a bida «os ricos de Quintã».

Ribalidade de pôbos contra pôbos, sampri as houve. Os p'rtugueses deixarium de ser portugueses, se deixaisse (deixassem) de ter na massa do saingue (sangue) este 'spir'to de luta. Por isso as competições tem (têm) que se fazer, seja (seja) contr'ó que for. E se num foir (forem) pôbos contra pôbos, cerão (serão) bezinhos contra bezinhos.

Acho que neste causo (caso) de luta, incontramos in Quintã a campanha mais lidimamente pertuguesa, qui é o a do falar de maldezer.

Num é raro as comberças (conversas) rasgaire (rasgarem) as fardas do cotio, do diairo, porqu' é pão nosso de cada dia, de cada hora e mesmo de cada momanto, ire (irem) localizar-se no ambiente da fulgurância do irónico, quando se faç (faz) chacota, quando se faz iscarne (escárnio) de tudo e de todos, tanto do mau c'm' a do bua (bom).

Luita-se pra 'spalhar a alegria no mei' do riso que dá saúde. Luita-se pra dar ó correr da comberça (conversa) a cara alegre do sol das buas (boas) graças, brincando com toda a sorte de artef'cialismos, com trocadilhos, com a intromissão de idéias contrairas, com palavras que se apareço (pareçam) mas que se preiste (prestem) pra distorcer o pansamento de quem falou.

O humor sàdio amostr'ós dantes (dentes) co'o alargar dos musc'los do riso e ó fichar gracioso dos olhos piscos.

São albor'ceres de satisfação e de graça a todas as horas do dia ou da noite.

Fazer comberça (conversa) de humor, im Quintã, foi e é e há-de ser ùa pranda natural, pranda baliosíçima (valiosíssima) que traduç, nem mais nem manos, a i alma do ser, do biber do meu pobo, a pacurar (procurar) desfraldar a bandeira da bitória por riba de todas as agruras.

Fazer andar o riso ós biracús, no jogar de idéias e palavras, é fina i arte dos calçonicos. Num poide (podem) passar sem descobrir a oitra face da moeda, a h'stória alegre do bem ou do maldezer, no caminhar de cada cousa e na dobadoira de cada hora.

A FALA QUE APRENDI

Quando deixei a bandita terra aonde Deus me mostrou a luz do dia a beç primeira, fui, após a quarta classi, pró primeiro ano dos meus studos. Bi-me tal e qual c'm' a ũa i arbe (árvore) arrincada (arrancada) do seu terrão, e lubada (levada) pra oitro clima. Ó fazeir iscarne (escárnio) da minha fala aldiã, queixei-me ó sup'rior, por num suportar a humilhação. Foi chober no molhado. E digo agora: «Se mal de carro, pior de arado». O sup'rior corregiu a minha fala, a fala qu' aprandi, de maneira um tanto paternalista e oitro tanto altiba, dura, a afundar-me a doança incipienti. Por ser o primeiro correctibo e a primeira acção directa dum sup'rior sobre o meu 'spir'to, fiquei traumatizado.

Talbeç (talvez) por 'spir'to de rebolta, ficou dantro de mim algũa cousa a frumantar (fermentar).

É qui as cousas do meu pobo faize (fazem) parte da minha i alma. Sinto-as c'm' a que seijo (sejam) minhas e eu delas. Eu sou pobo.

Mais tarde chamaro-me (chamaram-me) orgulhoso.

'Inda hoije num sei se me num compriandero (compreenderam) bem, ou se fui eu qui os num compriandi a i eles, ós qui assim me claceficaro (classificaram).

É p'eciso concid'rar (considerar) qu' o pobo tem d'reito a que se lhe reconheça a sua emancipação.

É ele ou num é o mestre da língua?

Taméim neste particular importa que tudo corra im pag (paz), sem o bater de ondas furibundas, nem ó jeito de rebirar caingalhas.

Corregir a língua de Camões num pode ser à feição da 'scrabatura.

O icesso (excesso) da tutela, quando se tem a conciância (consciência) de se poder governar pola sua própria cabeça, poderá bir a jarar (gerar) ũa certa riacção abufada (soprada) por legítimo orgulho, com 'ressaibos de bitória e oitros sentimentos apelidados de manos (menos) nobres.

Alebantar cabeça, representa a longa h'stória do esforço de quem rejeita a desmedida tutela que num passa de ùa certa opressão, pra logo se afirmar no atesar-se da sua personalidade.

Quando isto aconteç', até me lambra que da lanha (lenha) seca arrebanta (rebenta) çumi (sumo), imbora um çume pastoso, por nunca 'scorrido, ou que polo manos nunca 'scorreu à bontad'. Tal çumi irá correr pouco, mostrará-se (mostrar-se-á) perronho, que o mesmo é d'zer lanto (lento), polo cãleiro (caleira) abaixo, tal e qual c'm' a ùa criança a qu'rer dar os primeiros passos, no desejo de imitar as pessuas (pessoas) grandes.

É i esse, um momanto de friaige (friaige) e de arrepio; mas ó findar do imberno a i arbe (árvore) bai amostrar oitra tona manos crosca (áspera) e mais anediada.

Num será com soidade (saudade) do peso das directrizes na'cidas in Lisbua, qui hoije farei correr a pana (pena), a dar ó mundo ùa janela aberta, por onde lhe amostre como aí por mil e noveçantos e trinta os meus bezinhos se intandium (entendiam) uns co' os oitros, nũa linguaige simples, clara c'm' á i auga, na'cida lá na 'scuridão dos tampos (tempos) antigos.

É filha i esta linguaige da ausância de baidades, sustentada pola fidelidad às tradições, defandida corajosamente das arremetidas do falar à política (à moda dos políticos da bila).

In Quintã, todos botabo-nos (deitavam-nos) pés à parede contra quem se atrebesse a falar à moda dos graúdos (pessoas importantes) das cidades ou ó jeito do que se inxinaba (ensinava) na 'Scola.

Cautelinha lá co' isso!

Lubaria-se (levar-se-ia) in desfeita um tal atrebimanto.

Era melhor partir ùa perna, de que ser apanhado de súbito (súbito) a qu'rer sair da casca. Tinha que se g'ardar respeito à tradição. «O c'stume faz lei».

S' algum bezinho se atrebesse, a gomitar (vomitar) pola boca fora ùa só palabra a puxar à fidalga, logo era apelidado de pernóstico, a qu'rer pôr-se arriba dos oitros; mas «quem ó mais alto assobi (sobe), ó mais baixo bem cair».

Quando tal acontecessi, tinha que se oubir o 'strondo de treboada (trovoada) das línguas desinfriadas (desemfreadas). As ferroadas caíum (caíam) no lombo do prosápias ,(bazófia) a queimar mais d' qu' ós raios e coriscos.

O pobo num perdua (perdoa).

Toda a jante (gente) afi-ós (afia os) dantes (dentes) pra dar ãa 'strigadela (zurzidela).

É temeroso o rir da chacota.

O povo canta: «*Mais bale andar no mar alto do que nas bocas do mundo*».

Habia dois brasileiros no pobo, já belhotes e de respeito. Olha lá qui alguéim lubrigasse, algum dia de bida, antre o mei' da combersa deles ãa só palabra que saísse do d'reito questume (costume) do falar da oitra jant (gente)!...

É porqu' a fala que se herdou trata-se co' a mesma deboção com que se respeito-nas (respeitam as) cousas da igreija.

Num se poide (podem) arrebantar as raízes da i arbé. Ó labrar de roda delas, poucas que 'stoire (estoirem), si a num seco (secam), abalo-na (abalam-na).

Faç falta que se conserbe o zelo exegido por todos pra defender e salbar o qui é de todos.

A força da bida, no pobo, 'stá na sua expressão, na sua linguaige. Mais do que no próprio pão, é aí aonde se conçantra (concentra) o fluir do rio do biber.

Tolher a linguaige ó pobo, é tolher-lhe a bida.

C'municar, tem as suas ixejancias (exigências).

Ó fazer a radiografia do falar da minha terra, num qu'ria qu' alguéim dicesse que stou a contribuir prá deformação da língua p'rtuguesa. Si o dixeiiri (disserem), irei intraméins (entretanto), como quem luita por amor à mesma língua portuguesa, a pôr à luz do sol dos nossos dias, o dialecto de mim ton qu'rido, a fala qu' aprandi. Foi assim que comecei a dar forma ó meu pansamanto.

Poderei dezer com Pirro qui é muinto defic'l tirá-la (tirar a) camisa qu' imbolbeu a minha meninice; camisa do falar e do sentir, do oubir e do cantar, do sbatuxar (bater com as

mãos na água) no banho da luz do sol ou na poeira do luar ou no incolher do nariç (nariz) contra a 'scuridão da noite das palavras e do pansamanto.

A i alma incheu-se-me de cousas. E essas cousas fizero (fizeram) com qui eu seij-ó (seja o) que sou: *Eu sou essas cousas. E num sou scrabo, mas b'luntario.*

COUSAS INTRAMBPLICADAS

No seu comberçar (conversar) o pobo usa a sua fexão própria, quanto à conjugação dos verbos. É curiosa, nas suas regras e nas suas bariantes e eicepções.

Qui eu use hoij' êssas formas populares, cerá (será) cousa de 'stranhar, porque debo ó uso da Nação o benefício imposto, o da uneficação do idioma pátrio, co' o desprezo ou a ofansa ó d'reito milenairo qui o pobo tem, de dezer o que tem que d'zer, o que p'essisa (que é a pronúncia popular de precisa) de dezer.

Ûa cousa nunca i eu p'essisaba (precisava) qui é o santir da humilhação infligida por certos puritanos da fala presunçosa da Pátria que num saibe (sabem) ou finge (fingem) num saber o que são os falares regionais, dialectos com foros de tradição fidalga, c'stumes que faize (fazem) lei, elos de ligação co' o passado ou o passado in ligação co' o present', as bozes dos melhores a ressor inda hoij antre os fraguados por eles defendidos.

Cousas intrambplicadas (complicadas), mas taméim int'resantes são estas d'atropeçar nas sombras das origes longínquas, ou mesmo de palmilhar etapas dos caminhos qui o falar do pobo tem a percorrer e aonde alguns num saibe (sabem) pôr os pés co' o debido respeito.

Si o falar do pobo são reliquias do passado, muinta bene-ração se debe a i essas reliquias. Só delas faize (fazem) trossa (troça), os qu' indebidamant' cuidio (cuidam) que são letrados ó pé dos analfabetos e que num dão conta da injustiça e do

roubo que tantos maus cerbidores (servidores) da Pátria tem (têm) feito àqueles contra quem nunca faltaro-nas (faltaram as) saingueçugas pra lhe' chupair (chuparem) o suor mediante os preços políticos dos fruticos da laboeira (lavoura), do dos animais domésticos, e da ixejância (exigência) dos seus filhos prás guerras.

O falar do pobo analfabeto é um arrebol sem maincha (mancha), o rude efervescer de melodia descuidada, pura e sem culpas.

Qui o pobo tem d'reito a ser respeitado, quem o dubida?

E a sua fala i é um monumanto antigo de persistância, erguido contra i essa inorme, imperdoábel lacuna de muintos e muintos home's do saber e da governança, qui atrabés dos tamos e das idades os abandonaro (abandonaram) à 'scrabatura do analfabetismo.

Contudo, 'scondido atrás da parede desse analfabetismo, g'arda ó meu pobo, o poço sem fundo da sua cultura popular a qual todos os dias me traç surpresas.

O falar do pobo é bida que se alimenta e se renoba e faç lambrar as cerpantes (serpentes) a deixar todos os anos, ó calor da primabera, um pedaço de si mesmas quando a camisa lhe' fica i antre as asp'rezas dos calhaus, e sem saber quais seij' ó dia de S. João, in que dũa beç pra sampre lh' acabe o incante (encanto) das metamorfozes (metamõrfoses).

Si o zelote do 'scarnecer contr'ó falar do pobo rude se 'squece de que num f'turo... e talbeç muinto próximo, oitros, mesmo dantre (dentre) os seus netos, cerão (serão) capazes de fazer iscarne (escárnio) do seu próprio falar, oitra cousa num faç, senão denunciar a plena luç, a sua minguada cultura por si próprio circunscrita a um circ'lo cujos lemites combido (convidam) a um neceçario (necessário) aumanto. E as largas miradelas dos presunçãos, nem sempre caibe (cabem) dantro das muralhas do respeito.

Quem dubidarà da p'essisão (precisão) do lebantamanto exhaustibo dos dialectos p'rtugueses, pró melhor conhecimento da nossa língua?

O CESTO DA PICA DAS CASTANHAS

A casa da séca (secagem das castanhas) do Albino ficou onti (ontem). Tinho (tinham) sido doze dias e doze noites a 'sfogueirar aquaijo (quase) sem tomar fôl'go, pra fazer chigar as castanhas ó ponto, e nas debidas (devidas) condições.

Naturalmant' o leitor poderá perguntar:

A casa da séca i é feita só pra secá-las (secar) castanhas?

Respondo que sim. Muintos labradores de Quintã são donos de bários souts e binhas no bai (vale) fundo do Marão, a norte deste colosso, na freguesia de Torgueda, mais propriamente nos sítios de Faijo e Castedo. Nessa área é que habia grande número de casas da séca, além das cardanhas pequeninas e humildes, exclusibamente destinadas à arrumação de castanhas ou de apoio prós dias in qui houbesse algum serbiço nos souts.

As adêgas das binhas são 'inda hoje casa de serbantia pra todos os trabalhos além de serbiri (servirem) de armazém pró binho, que lá fica todo o ano. Os labradores bão buscá-lo im picanos (pequenos) pipos, à medida qui o gasto (gastam). O transporte é feito dentro de um sacco, lubado (levado) ó ombro ou no alforge da i euga (égua).

Um só labrador tinha bárias casas da séca, ou porqu'os souts foisse (fossem) muinto distantes uns dos oitros, ou e principalmant' à conta de secar as castanhas. Estas por seir (serem) muintas, era obriga i-las secando ó mesmo tempo im três ou quatro caniços. E ó secar ãa caniçada, oitra se tratava de secar logo in seguida.

Sobr'tudo im anos muinto húmidos, tratava-se de apertar co' a séca, por causa das castanhas apodreceir (apodrecerem) com facelidad' (facilidade).

Ûa caniçada de castanhas poderia ser de dez (dez), quinze, binte sacas de castanhas, conforme o tamanho do caniço e a melhor ou menor altura de castanhas que tibesse.

O caniço é um sobrado feito de ripas, constituindo c'm'a qui um primeiro andar, mais ou menos funcional e a poupar

espaço e despesas. Algũas casas da séca ero (eram) muinto rudimentares. Oitras habia mais abantaijadas. E aquaijo todas tinha (tinham) ó lado um picano compartimanto pra meter a i euga (égua).

A secaije er-ó (era o) grande meio de fazer das castanhas o apreciado e balioso terceiro pão de Portugal, pr'longado até (até ao) brão (verão), à chigada da colheita noba dos cereais.

No pôbo de Quintã, por sobre a lareira, a melhor parte dos labradores inda hoije tem o caniço de secar as castanhas.

Aquela área das binhas e dos sutos, poboaba-se no mês da ceifa. Lubaba-se (levava-se) um colmeiro ou dois, mais ãas mantas, e por lá se fazia ãa bida parca mas alégri (alegre), at' ó fim da apanha e da séca. Ajuntabo-se os bezinhos e amigos im pr'longados seróins, co' as castanhas assadas e ás pichorras do binho inda a ferber e a cheirar a mosto, crabo roixo a negar a cara mas a ofer'cer o coração.

Habia descantes, h'stórias, jôgo de cartas e ó falar de careta, muinto curioso, mas que g'ardarei pra oitr' ócasion.

A séca do Albino fichou ont (ontem), como ia dezando.

O carro das bacas troufe (trouxe) ãa serra enorme de sacas de castanhas. Antre (entre) sacos de lã tecidos no tiar e e sacas de zerpilheira (serapilheira), das que se compro (compram) na Bila (Vila), ero (eram) prãí (talvez) ãas dezasseti. O que bal' (vale) é i elas pesair (pesarem) pouco.

Foro (foram) chamar o J'aquim P'reira prás picar, qu' el' é o mais c'stumeiro nesta labuta da pica.

Pra hoije tem marnega (grande tarefa)!

O cesto de picar é mandado fazer à própria. Tem o bordo birado pa d'antro, prás castanhas num saltair (saltarem) co' o mobimanto di as picar.

O picador salta a pisar as castanhas d'antro do cesto, a toda a brida (com grande desenvoltura).

Tem (têm) secado muintos castinheiros e as castanhas são a mingar sem jeito d'ano pra i ano. Por isso muintos labradores já nem seco (secam). E há pouco quem tenh-ó (tenha o) cesto de picar. Quem num no tem e p'essisa (precisa) del', pedi-o (pede-o) ó b'zinho.

O P'reira 'scolheu o sítio onde pisar as castanhas na sala grand'. Ficou pertinho do reloujo de modo a num perdê-la (perder a) conta das horas. E foi dezando (dizendo) im tom de graça, que pra poder aguantar aquel' trabalho de moiro, era p'essiso (preciso) bober (beber) a todas as meias horas. E é já do seu c'stume belho reclamar a pichorra de barro negro de Bisalhãins, porque dá melhor paladar ó binho; assim como taméin dize (dizem) que saibe (sabem) melhor tanto as batatas c'm'ás castanhas, cozidas nũa panela de barro.

Iria ser trabalho des'' manhã (manhã) cedo at' ó dia ser bem incimado (encimado), pra picar a caniçada das castanhas.

Q'alquer um pica co' ũas botas belhas. Oitros, ceirbe-se (servem-se) de tamancos.

O P'reira mandou fazer ũas picas à ideia del', ó çòqueiro (soqueiro) de Beçãozinho.

Anos atrás usaba uns chanatos (tamancos rompidos) belhos, mas as castanhas metium-se-lhe (metiam-se-lhe) por dantro (dentro) das peças e al'ijabo-lhe (aleijavam-lhe) os pés, além do scontra (contra) de ter de andar a cada cibo o tirá-los e a sacudi-los.

À conta disso é que el' mandou fazer os paus bem arrebitados, à moda de Barroso, co' a finalidade de lhe protegeir (protegerem) as pontas dos dedos. As peças de cabedal ficaro (ficaram) reduzidas a ũas correias justas ós pés, imbora largas o bastant'.

Infiado co' elas dantro do cesto da pica, «num sei por qui artes» el' desfazia, num pronto, as cascas dum cesto de castanhas «im borra» (pequenos detritos).

Um pisco (miúdo) como ele era, poucas castanhas 'smi-galhaba.

Por isso, e por sua lijeireza, foi o P'reira o rei de todas as picas (acção de picar as castanhas) no pobo de Quintã.

Quem no gababa e promobia ero-nas (eram as) mulheres que lhe reconhecio-no (reconheciam o) mérito.

Picadas as castanhas, o pessoal femenino da casa, ajudado polas crianças, dá-se à tarefa da 'scolha.

Ua cribadela separa as castanhas da risca (detritos das cascas das castanhas secas).

A s'nhora Maria põe os netos pequerruchos a ajudar à 'scolha, e com muinto int'resse:

'Scolheis primeiro as que 'scaparo (escaparam) co' a casca de fora. Bamos g'ardá-las pró b'rão (verão). Ó fim das oitras todas, comemos êstas, qui o bicho num antra (entra) nelas assim resguardadas pola casca de fora; e as oitras fura-as e 'strinça-as.

Agora, separamos as bonitas pra um lado e as camisantas pró oitro. As bonitas são estas que ficaro (ficaram) sem casaco (casca externa) e sem camisa (casca interna). As camisantas, são essas, que 'stais a ber (ver), com algũa camisa ou co' a camisa toda.

— Sim sinhora, mãe Maria.

— As camisantas, pró cesto grand'.

— E porqui é que num poide (podem) ir todas juntas, mãe Maria?

— As bonitas dão mais dinheiro, ó se bandeiri (venderem), por ficar (ficarem) limpinhas, sem camisa ninhã. As camisantas já num tem tanto quem nas qu'reira (queira) comprar, porque são mais feias co' a camisa. E dão mais trabalho pra se cozeiri (cozerem). É p'essiso (preciso) 'scaldá-las com auga (água) cant' (quente) prá camisa amol'cer e se poder tirá-la práς cozer in seguida, ó ficair (ficarem) limpinhas.

A redadeira (derradeira) 'scolha i é a dos migalhos que foro (foram) no meio da risca. Muintas castanhas ficaro (ficaram) partidas, e esses bocadinhos num se poide (podem) desperdiçar.

— E que se faz ós migalhos?

— Que se faç?

— Sim.

— Co' estes migalhos é que se faize (fazem) os primeiros caldos de castanhas. Mas há oitra cousa: Os migalhos mais rijos bamos 'scolhê-los e pô-los à parte. Depois damos-lh' ãa partidinha mais co' o martelo. Laba-se a seixa (assento de granito no vão da janela) da janela bem labadinha, e depois,

truca, truca, truca, trata-se di as preparar (preparar) prás mandar moer.

— E pra quia (quê), mãe Maria?

— Ai co' essa farinha, já bos digo:

Num sabeis o qui é *falacha*?

— Nós não.

— A Lúcia já comeu «one passado» (o ano passado)...

Lúcia — Mas eu num tou lambrada...

— A *falacha* i é ùa bôla que se faç no forno co' a farinha das castanhas. É muinto docinha. São essas bôlas uns berdadeiros doces. São um mimo e ùa pranda que se dá ós meninos trabalhadores qui ajudo (ajudam) a fazer os trabalhos ó pai, à mãe, ó abua (avô) e à abó...

— Mãe Maria.

— Qui é.

— Ai eu hei-de ajudar muinto...

— Pois sim, filhinho. Depois taméin há-des comer muinta *falacha*.

Agora já sabeis que das castanhas se faç farinha e que dessa farinha se faç pão. Por isso, bê-de o balor que tem pra nós as arbes (árvores) ton (tão) nossas amigas, como são os castinheiros.

— Mãe Maria.

— Diz lá.

— E q'antas qu'idades há de castanhas?

— Eu conheço as melhores de todas, que são as *bebins*. As compridas, são *longais*. As compridinhas, mas mais miúdas e mais claras da casca, são as *benfeitas*. As redondas medianas, chamo-se (chamam-se) *moreiras*.

Estas qu'idades, conheço-as eu, mas acho qu'inda i há mais.

— E boncia (você) gosta mais delas cozidas ou assadas ou rilhadas cruas?

Avó — Talbeç cozidas.

Neto — Mas as secas são mais docinhas...

Isto d'zia, inquanto as 'staba rilhando.

A MODO DE CONCLUSÃO

In Quintã, ó bir (vir) o Maio, choba que nebe, é d'obriga rebirar o mesmo terrão que já se labraba lá nos tampos (tempos) inda an'triores ó tempo dos Afonsinhos. A charrua substituiu o arado. Ora o que num se substituiu foi o seu chamadoiro.

No rito santo da laboeira (lavoura), trata-se de cultibá-lo (cultivar o) pão de Deus. Seja usado o arado ou a charrua, a acção é a mesma. Charrua foi nome 'sconjurado.

Pola mesma ponte se passa, quando in todo o mundo se dá o nome de carne de baca, mesmo à que seja de boi; ou se diga que na casa do fidalgo se biu (viu) um cão de sinhora, apesar de lá só morar o belhote, e inda pra mais o cão ser cadela. Na boç (voz) do pobo, o arroç (arroz) tem de ser de freingo (frango). E já o a cainja (canja) nunca pode ser de galo.

Nesta laboeira da 'scrita que faço, resolbi cabalgar in xebre, (em pelo) acharruar a fala qu'a minha saudosa mãin me inxinou (ensinou) quando com ela repetia respeitosa' a i Abe-Maria, o Padre-Nosso ou a Salb'-Raínha.

Eu ia aquaijo (quase) a dezer qui há, da parte do pobo de Quintã, ãa prafunda (profunda) religiosidad' in tudo. E portanto taméin na i há no conserbar a fala tradicional co' a mesma deboção, co' o mesmo respeito com que se conserbo-nos (conservam os) preceitos rijos da moral, as regras do bua (bom) biber ou as práticas religiosas.

A bida do pobo mobe-se totalmante dantro dum circ'lo, e esse circ'lo é o seio de Deus. É sampre: «*Deus dianti (diante), — Com Deus me deito, com Deus me lebanto, co'a (pola) graça do SS. Sacramanto. — O pouco com Deus é muinto, o muinto sem Deus é nada*».

S'nhor Deus: qui as nossas graças, poucas e mal rezadas, bailo (valham) por muintas e bem rezadas. A honra de Deus e da Bírge Maria, Padre-Nosso com Ab'Maria.

O pobo é o mestre da língua, porqui êsta i é do pobo.

O dom da fala i é ãa imbanção (invenção) maravilhosa, com qui o home' s' afirm' ó rei da criação. Ó criar este meio qui o afirma animal social, num 'stabo (estavam) presentes os gramáticos. Estes oubiro (ouviram) primeiro. E só ódepois é que soletraro-nas (soletraram as) regras. Estas poderão conduzir ós paraísos da i arte, mas num deixarão de ser ãa tremanda barreira aonde o pobo atropeça muintas bezes.

Reservatório imanso de cultura, i é o pobo. E os eruditos inda num conseguiro (conseguiram) nem a noba charrua nem a moderna máquina pra concluir a laboeira da língua, capaç de fazer luzir plena e totalmenti, as jóias puras e belas que doirme (dormem) um sono primaberil antre os lábios da rusticidad.

Qui os 'studiôsos 'scuit' (escutem) os sons perdidos na 'scuridão do abandono, cruceficados no pau do crime qui é o desprezo imperdoáble.

Eu sou a fabor do melhor. Por isso tenho que lutar.

SUMMARY

Under the title «the way of speaking I learned», I intended to do a recollection of the manner of speaking of the people in Quintã, a village in the valley of Campeã (Vila Real), in the third decade of this century.

The verbal inflexion is mainly remarkable.

I am convinced that much is to be done in relation to the study of the language, equally in phonetics, in morphology or in semasiology.

This piece of work is only a small sample of the language of my people defended as a sacred thing; and to make it more pleasant I introduced the lightness of some ethnographic elements.

Agro Velho, Fevereiro de 1984.

Rifoneiro Barrosão

POR

Barroso da Fonte *

Licenciado em Filosofia pela U. C. P.
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

A região de Barroso compreende os actuais concelhos de Montalegre e de Boticas e, segundo vários autores, compreende ainda o antigo concelho de Ruivães, extinto em 31 de Dezembro de 1853 e a parte do actual concelho de Chaves, porquanto Barroso se estende, até às margens do Tâmega, a crer em diversos historiadores e na própria tradição popular.

Muitos e variados são os aspectos da cultura Barrosã. Esquecida durante séculos, só depois de 1900 os estudiosos começaram a demandá-la, em busca de matéria fácil para os seus trabalhos.

Refiram-se por exemplo, nomes como: Fernando Braga Barreiros, José Baptista Barreiros, Sant'Ana Dionísio, Leite Vasconcelos, Abade de Baçal, Ferreira de Castro, Montalvão Machado, Viegas Guerreiro, João Gonçalves da Costa, Bento da Cruz, Lourenço Fontes, Santos Júnior, enfim, uma amostragem que ilustra o movimento crescente, desde o começo do nosso século e que bom seria ver redobrado, porque muita coisa há para recolher antes da perda total.

A cultura dos povos manifesta-se sob diversas formas. Os rifões representam uma dessas maneiras curiosas que têm

* Residência: Rua de S. Gonçalo, 1180 - 5.º E. — 4800 Guimarães.

o condão de conter, num mínimo de palavras, um máximo de interpretação da filosofia da vida.

Cada terra tem os seus ditados, as suas máximas, os seus provérbios, formulários riquíssimos que sintetizam as regras vivenciais desses mesmos povos.

Romontando a tempos recuados esses formulários linguísticos traduzem princípios de vida que nortearam a conduta humana, ao longo dos tempos e que ainda hoje resistem à ciência e a todas as suas derivações técnicas.

Num provérbio, num rifão, numa máxima encontra-se ainda hoje e terá validade por muitos anos mais, toda a ciência e todo o esforço humano que se tenha colocado, por exemplo ao serviço da saúde, da justiça social, da técnica agrícola, seja do que for.

Há ditados para tudo. E, curiosamente, esse emaranhado de palavras, quanto mais primitivo, mais actualidade parece ter.

A região de Barroso não tem o exclusivo dos ditos populares, porque eles para serem válidos, devem ter universalidade no espaço e no tempo. É sempre difícil garantir a exclusividade dos rifões. Mas há alguns que têm maior incidência na região, na medida em que traduzem a realidade rural, o comportamento humano, as próprias características geográficas e climáticas.

Houve autores que, um pouco por toda a parte, se dedicaram à recolha do rifoneiro. Dos muitos que nos últimos tempos têm escrito sobre Barroso, alguns têm dedicado alguma atenção a esses aspectos culturais.

Ao ter sido convidado pelo Professor Doutor Santos Júnior para escrever algo de interesse etnográfico, pareceu-me que este tema teria algum interesse, não pelo rigor que eu possa dar-lhe, porque é inesgotável e, o seu tratamento, exige especialistas. Mas pela curiosidade que esta abordagem possa despertar nos mais capazes e nos mais jovens que desta forma prestariam altíssimos serviços à cultura popular.

Fiz através de estudos de vários autores e daquilo que eu próprio consegui captar como barrosão que sou, uma recolha

de algumas centenas de rifões que se propagam, de geração em geração, pelas terras barrosãs.

Procurei sistematizá-los por temas, tarefa sempre difícil para quem não é especialista na matéria, tanto mais que os provérbios, tendo, alguns deles, várias interpretações nem sempre é fácil desligá-los de um tema para os enquadrar noutro.

Separar bem uns dos outros pelos fins que tratam, pelos conselhos que encerram, pela orientação que sugerem é uma tarefa pertinente. Deixo essa metodologia para alguns leitores ou para alguém que se entusiasme, no futuro, a partir das achegas que aqui trago e que espero não se percam, porque quanto é do passado se deve transmitir ao futuro.

Naturalmente que alguns rifões que aqui deixo, não circulam somente em Barroso. Pode acontecer até que respeitem mais a outras regiões. Mas foi minha preocupação recordar todos aqueles que me são familiares por tê-los ouvido, às boas Gentes Barrosãs.

Em 14 grupos distintos distribui os 351 rifões recolhidos. A ordem que lhes atribuí é arbitrária.

Haverá possibilidades de aumentar esses grupos porque são tantos os provérbios populares que dificilmente se esgotarão, por mais recolhidas que se façam.

O que fica é o convite aos etnógrafos para que completem este inesgotável trabalho de investigação.

SOBRE A ALIMENTAÇÃO

Guarda que comer e não guardes que fazer * Sem comer, não há prazer *
 O vinho é meia manutenção * Com pão e vinho, já se anda caminho *
 Pão quente nem a são, nem a doente * Pão quente, muito na mão, pouco no ventre *
 Queres ver o teu marido morto? dá-lhe couves em Agosto *
 Em Agosto, nem vinho nem mosto * Em Agosto vale mais vinagre que mosto *
 Dia de S. Silvestre, não comas bacalhau que é peste * Ao peixe fresco gasta-o cedo, e havendo tua filha crescida, dá-lhe marido *
 A perdiz e o frade, de manhã ou à tarde * Favas as primeiras; cerejas as últimas *
 A laranja de manhã é ouro; ao meio dia, prata; e, à noite, mata *
 Papas à noite, fazem azia * A mulher e a pescada quer-se da mais alentada *
 A mulher e a sardinha quer-se da mais pequenina * Carne nova de vaca

velha * Por cima de peras, vinho bebas, até que nadem elas; mas nem tanto que andem de canto em canto * Por cima de peras, vinho bebas; com melão vinho de tostão; com melancia água fria * Por cima de melão vinho de tostão * Queijo com pão faz o homem são * Das grandes ceias estão a sepulturas cheias * Quem bem haja escusa ceia * Foge do mau vizinho e do excesso de vinho * Come para viver, não vivas para comer * Cautela e caldos de galinha, não fazem mal a doentes * Não há mau pão, para boa fome * A fome é boa cozinheira * A fome é o melhor tempero * Merenda comida, companhia desfeita * Quem come sem conta vive sem honra * Vinho d'Airó, bebe-o tu só * Quem tarde vier, comerá do que trazer * O fumeiro quer-se inteiro * Bem canta Marta, depois de farta * Conversas em jejum não têm gosto nenhum.

SOBRE REGRAS SOCIAIS

Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso * Cá como cá, lá como lá * Quem semeia ventos colhe tempestades * Faz bem, sem olhar a quem * Quem à boda bai, se bergonha tem, da bolsa lhe sai * Mais vale só que mal acompanhado * Diz-me com quem andas e dir-te-ei as manhas que tens * Quem ao mais alto sobe ao mais baixo vem cair * Quem a minha casa não vai, da sua me emponta * Na terra onde existires farás como vires * Burro velho não toma andadura e, se a toma pouco dura * Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém * Amigo de meu amigo, meu amigo é * Poupa poupador, poupas para um gastador * A noite é boa conselheira * O travesseiro é bom conselheiro * Não faças nada sem consultar a almofada * Néscio calado por sábio é contado * Pouco falar, pouco custa, e muito vale * Quem diz o que quer, ouve o que não quer * Hóspede em casa, dia santo é * Casa varrida e mulher penteada parece bem e não custa nada * Cada pardal com o seu igual * Antes só que mal acompanhado * Consultar quem sabe, já é saber metade * A cautela morreu de velha * Se não queres casar mal, casa com um igual * Tanto tens quanto vales * Tristezas não pagam dívidas * A bodas e baptizados só vão os convidados * Mais vale um pássaro na mão que dois a voar * Largos dias têm cem anos * Devagar se vai ao longe e tolo é quem se mata

ANÁLISE E CRÍTICA DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS

Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta * Quem vê caras não vê corações * Deus nos livre de bocas abertas e de pessoas mal certas * Capoeira onde há galo não canta galinha * Vozes de

burro não chegam ao céu * Burro velho não toma andadúra * Para bom entendedor meia palavra basta * Tudo se lava menos a má língua * A quem má fama tem não acompanhes nem digas bem * Passarinhos e pardais não são todos iguais * Galinha do campo não quer capoeira * É coisa muito feia meter a foice em seara alheia * Presunção e água benta, cada um toma a que quer * Dos mal agradecidos está o inferno cheio * Quem conta um conto aumenta-lhe um ponto * Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele * A má companhia torna o bom mau e o mau pior * Com teu amo não jogues as peras, que ele come as maduras e deixa-te as verdes * Como canta o abade assim canta o sacristão * Albarde-se o burro à vontade do dono * Apanha com o cajado, quem se mete onde não é chamado * Entre marido e mulher nunca metas a colher * Entre pai e irmãos nunca metas as mãos * Pela boca morre o peixe * Quem muito fala, pouco acerta * Quem muito fala, muito erra * As palavras mostram o que cada um é * Os homens conhecem-se pelas palavras e os bois pelos cornos * Língua ajuizada é sempre moderada * Quem mais jura mais mente * Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu * Zangam-se as comadres sabem-se as verdades * Não dês o dedo ao vilão, porque te tomará a mão * Deita-te na cama e não te importes com quem vai na rua * Quem tem filhas e ovelhas não pode falar das alheias * Não julgues mal de ninguém, nem para mal nem para bem * Aos mortos e ausentes, nem os insultes nem os atormentes * Os homens entendem-se pelas palavras e os burros aos couces * Não te rias do mal do vizinho, que o teu já vem a caminho * Mais fere má palavra, que espada afiada * Agarram-se os pássaros pelo bico, e os homens pela língua * Boca calada não vai lá a mosca * A palavras loucas, orelhas moucas.

SOBRE O TEMPO

Ao luar de Janeiro se conta o dinheiro * Quem na Páscoa não estria, toda a noite pia * Sol na eira e água no nabal * Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado nem bom lameiro, nem corno de carneiro * Abril, águas mil, coadas por um funil * Inté Janeiro, qualquer cão passa o rigueiro * Quem não malha em Agosto, malha o suor do rosto * Setembro ou seca as fontes ou leva as pontes * Santos, neve pelos cantos * Meados de Janeiro, meia arca, meio palheiro * Dia de S. Martinho, lume, castanhas e vinho * P'ra o ano ser bom de pão, sete neves e um nevão * Em Novembro e no mês do Advento racham as fragas co'a água e co'o vento * Fevereiro quente traz o diabo no ventre * Se não chove em Fevereiro nem bom pão nem bom lameiro * Março airoso, Abril chuvoso, Maio pardo e S. João claro fazem o ano

fermoso * Março marçagão, pela manhã cara de cão, ao meio dia cara de rainha e à noite sega co'a foicinha * Até à Senhora de Agosto malha a teu gosto, da Senhora de Agosto em diante suor do teu rosto * Pelo Natal, ande o frio por onde andar, ou bem chover ou bem nevar * Fevereiro, barranqueiro, cada suco seu rigueiro * No dia de S. Martinho mata o teu porco e bebe o teu vinho * Rabo de Março, cabeça de Abril, nunca ao mundo havia de vir; perde a burra o rincho e o porco o guincho * Guarda pão para Maio e lenha para Abril que t'há-de cumprir * Quer no começo quer no fundo, em Fevereiro vem o Entrudo * Quando Março sai ventoso, sai Abril chuvoso * A água que no Verão há-de regar, em Abril tem de ficar * A três de Abril o cuco há-de vir; e se não vier até oito, está preso ou morto * Depois de Ramos na Páscoa estamos * Dia de S. Martinho vai à loja e prova o vinho * Em Abril águas mil * Em Abril abre a porta à vaca e deixa-a ir * Em Maio verás a água com que regarás * Dos Santos ao Natal é bom chover e bom nevar * Guarda pão para Maio e lenha para Abril * Fraco é Maio que não rompe uma crossa * Por Santiago pinta o bago * Seis meses de Inverno e três de inferno * Uma andorinha só não faz o Verão.

SOBRE O DIABO

Com moços piquenos nem o diabo quis Nada * Quem quer que o diabo lhe apareça é falar-lhe na cabeça * Tem mais Deus para dar, que o diabo para levar * Deus entre aqui e o diabo em casa dos padres * O diabo não desmancha cruces * O diabo está nas pias de água benta, para distrair a gente * É preciso acender uma vela a Deus e outra ao diabo * Deus é bom, mas o diabo não é mau * O lume ao pé da stopa, vem o diabo e assopra * Quando se vê coisa feia: parece o diabo * O diabo deixa sempre o rabo de fora * Vai-te diabo para Gralhas, Tó diabo * O diabo primeiro anda co'a manta, depois anda c'o chocalho * Segredo de três, o diabo o fez * Nem come nem bebe, nem o diabo que o leve * O diabo tanto faz aos filhos que até lhes tira os olhos (ou que lhe dá cabo dos focinhos) * Dia de S. Bartolomeu anda o Diabo à solta.

SOBRE A SAÚDE

Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer * Casa onde não entra o sol entra o médico * Dormir com janela aberta, constipação quase certa * Água corrente não mata gente * De pequenos almoços

e grandes ceias estão as sepulturas cheias * Se és comilão encomenda teu caixão * Velho namorado, cedo enterrado * A velho recém-casado, rezar-lhe por finado * Às nove deita-te e dorme * O mal e o bem, à cara vem * De médico, engenheiro e louco todos nós temos um pouco * Quem de velho escapa, cem anos dura * Ferradela de licranço não tem cura nem descanso * Para tudo há remédio menos para a morte * Quando o mal é de morte o remédio é morrer * Quem de novo não morre de velho não escapa * Enquanto há vida há esperança * Bexigas e sarampelo sete vezes vem ao pêlo * Engorda o menino para crescer, e o velho para morrer * Mulher doente, mulher para sempre * Erros de médico a terra os cobre.

AGRICULTURA

A primeira sexta de Março, sacham-se as hortas e enforcam-se as rocas * Chuva na Ascensão das palhinhas fazem pão * Chuva no S. João, bebe o vinho e come pão * Em Julho abafadiço, fica a abelha no cortiço * Pelo S. Mateus pega nos bois e lavra com Deus * Quem planta em S. Miguel vai à horta quando quer * S. Miguel soalheiro enche o celeiro * Cava fundo em Novembro para plantares em Janeiro

TRABALHO

Roma e Pavia não se fizeram num só dia * Devagar que tenho pressa * Deus ajuda quem trabalha * Quem não faz as coisas bem de uma vez, fá-las por duas ou três * Quem porfia mata caça * Quem porfia sempre alcança * Nesta terra terruca, quem não trabalha não manduca * Quem quiser ser pobre sem o sentir meta obreiros e deite-se a dormir * Se quiseres fazer as coisas depressa anda devagar.

SOBRE A MULHER

Velho casado com mulher nova, vive enganado ou abre a cova * Conselho de mulher vale pouco e, quem o toma, é louco * Homem velho e mulher nova ou «corno» ou «cova» * Mulher honrada deve ser calada * A mulher e a galinha, com o sol recolhida * A mulher e a ovelha, com o sol na cortelha * Mulher janeleira, raras vezes encarreira * Mulher de janela, diz de todos e todos dela * Mulher e gato fazem do homem sapato * A mulher e a galinha até casa da vizinha * A mulher e a perdiz só presas pelo nariz,

QUESTÕES JURÍDICAS

Dos enganos vivem os escrivões * Diz-me quanto tens, dir-te-ei quanto vales * Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão * Na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão * O costume faz a lei * A ocasião faz a ladrão * Amigos amigos, negócios à parte * Quem as fez que as pague * Quem as fez que as desfaça * Quem cabritos vende e cabras não tem de algum lado lhe vem * Quem aproveita o que não presta, tem o que lhe faz falta * Quem dá o que pode a mais não é obrigado * Quem cala consente * Quem se não sente não é filho de boa gente * Quem paga o que deve sabe o que lhe fica.

CASAMENTO

Quem vai casar ou é enganado ou bai enganar * Quem vai à boda leva que coma * Quem casa quer casa * Na morte e na boda verás quem te honra * Não há boda pobre nem mortório rico * Quem fizer a cama, bem se deitará nela * Antes que cases olha para o que fazes * Não há morte sem pranto nem casamento sem canto — Não há casamento pobre nem enterro rico

BAPTIZADO

Depois dos baptizados feitos não faltam padrinhos * A boda e a baptizado ninguém vai sem ser chamado; mas a baptizado e a boda vai a gente toda * A bodas e baptizados só vão os convidados.

HEREDITARIEDADE

Males dos nossos avós quem os faz são eles que os paga somos nós * Filho de peixe sabe nadar * Quem sai aos seus não degenera.

VÁRIA

Quem torto nasce tarde e mal nunca endireita * Quem tem unhas toca viola * Quem não tem unhas não toca guitarra * Quem não tem pernas não pode dar coices * Filho de peixe sabe nadar * Quem quer bom cão de caça procura-lhe a raça * Água mole em pedra dura tanto dá até que fura * De pequenino é que se torce o pepino * Enquanto se capa não se assobia * Com vinagre não se apanham moscas * Pela

aragem se vê quem vai na carruagem * Pelas vésperas se conhecem os dias santos * Gato escaldado da água fria tem medo * No andar e no vestir serás julgado entre mil * De longe vai a água ao moinho * De grão a grão enche a galinha o papo * Usa e serás mestre * Um velho sabe mais que um doutor * Quem dá aos pobres empresta a Deus * Mais irrita o falso prometer que o pronto recusar * Aqui ou além sempre vejas com quem * O pai impertinente faz o filho desobediente * Fia-te na Virgem e não corras * Quem espera desespera * Os homens não se medem aos palmos * Para grandes males grandes remédios Quem me avisa meu amigo é * Quem não deve não teme * Não há rosa sem espinho * Quem não tem cão, caça com gato * Quem escuta de si ouve * O hábito não faz o monge * Pela aragem se vê quem vai na carruagem * Quem um bem quer ter, outro tem que perder * Quem tem burro e anda a pé, mais burro é * Quem tudo quer tudo perde * Onde há fumo há fogo * Filho és pai serás, conforme fizeres assim toparás * Quem madruga Deus ajuda * Quem meus filhos beija, minha boca adoça * Galinha velha faz bom caldo * Boa fama granjeia, quem diz mal da vida alheia * Boca calada, não entra lá nada * Lume de giesta, lume de festa; acabou-se a giesta, acabou a festa * Lume de urzeira, lume de canseira * Velhos e porcos só dão resultado depois de mortos * Quem troca caminhos por atalhos nunca lhe faltam trabalhos * Venha a minha filha mas não venha a toda a hora * Muito riso pouco siso * Quem dá ou gasta o que tem, a pedir vem * Mãos que dais, o que esperais? * A dança sai da pança * Parentes são os dentes e às vezes mordem a língua * Quem canta antes do almoço chora antes do sol posto * Quem não tem, não troca * Quem puder ser livre, não se captive * Quem deve cem e tem cento e um, não teme nenhum * Quem tem esperança, sempre alcança * O prometido, é devido * Quem quis casar sempre casou; * Se não foi onde quis foi onde topou * Deus nos livre de bocas abertas e de coisas que nunca são certas * Muito mal de mim se diz, mas o pior inimigo é o que m'ó traz ao nariz * Quem na boca do saco não pôs atilho, padece a mãe e mais o filho * Cão que ladra não morde * Boca calada não entra lá mosca * À sorte e à morte ninguém lhe foge * Sino triste, morte lhe assiste * Demanda, Deus a manda * O seu, a seu dono * Ó p'ra baixo todos os santos ajudam * Atrás de mim virá quem bom de mim fará * Enquanto há vida há esperança * Bolsa rota, dinheiro à solta * Na prisão e no hospital vê quem te quer bem e quem te quer mal * No perigo é que se conhece o amigo * Vê-se na adversidade o que vale a amizade * Nas ocasiões é que se conhecem os amigos * Ninguém se meta onde não é chamado * O segredo é a alma do negócio * O segredo de três o diabo o fez * Quem vai para o mar... prepara-se em terra * Para a feira e para o moinho não esperes pelo vizinho *

O dinheiro faz-se para se contar * Quem faz um cesto faz um cento, se lhe dão verga e tempo * O medo guarda a vinha * Não há mal que cem anos dure, nem bem que nunca se acabe * Querer é poder * Aprender até morrer * Quem não quer a boa mãe tem a má madrasta * Não há cego que se veja nem coxo que se conheça * Não há pior cego que aquele que não quer ver * Lembra o conselho depois que se vai o coelho * É melhor prevenir do que remediar * Depois de casa roubada, trancas à porta * Quem a boa árvore se acolhe, boa sombra a colhe * Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido * Ande eu quente e ria-se a gente.

Aqui deixo 351 rifões, distribuídos, de forma subjectiva e arbitrária, por diversos capítulos. É evidente que alguns deles têm várias significações e, por conseguinte, poderão continuar deslocados relativamente à sistematização que lhes dei.

Penso, contudo que será mais fácil, através dos enquadramentos temáticos que entendi fazer, contribuir para um estudo da riqueza popular da região transmontana, vulgarmente conhecida por Terras de Barroso.

O Prof. Dr. Santos Júnior em *Paremiologia Jurídica Galaico-Portuguesa* trabalho publicado em 1949, cita o Prof. Doutor Mendes Corrêa que sobre os ditados populares escreveu: «os adágios e rifões formam um vasto, variado e remoto património da sabedoria popular. Há-os inúmeros, respeitantes aos factos mais diversos, muitos deles comuns a diferentes nações, traduzidos em várias línguas e vindos de distantes épocas. Dir-se-ia que esse pecúlio tradicional mergulha as suas raízes mais profundas nas eras longínquas da organização das primeiras sociedades humanas. Alguns rifões — prossegue o eminente antropologista e fundador da Escola antropológica da Universidade do Porto — «revelam no povo um remoto presentimento intuitivo de verdades científicas modernamente estabelecidas».

Por tudo isto me pareceu salutar reunir alguns rifões que se propagam pelo noroeste transmontano e que, embora sendo comuns a muitas outras regiões do país e até alguns com influências ou versões similares no estrangeiro, podem ajudar a compreender melhor as virtudes e os defeitos do Povo dessa fronteira região.

É claro que não ficou esgotada a recolha, nem sequer ela foi realizada com o rigor científico que seria para desejar.

O que se teve em conta foi a variedade rifoneira e, através dela, a riqueza filosófica que deve sensibilizar os mais jovens e os mais capazes.

Foi esse o meu objectivo, numa espécie de aliciamento por um tema apaixonante.

Guimarães, Páscoa de 1984.

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO DA FONTE — Usos e Costumes, Chaves, 1973.
- BARROSO DA FONTE — Crónica Feminina, n.º 694, pág. 41, Lisboa, 1970.
- BARROSO DA FONTE — Crónica Feminina, n.º 759, pág. 33, Lisboa, 1971
- LOURENÇO FONTES — Etnografia Trasmontana, I Vol., 1974.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Presença, Ano XI - 3.ª Série, Junho 69 Bragança.
- HIRONDINO P. FERNANDES — O Rifoneiro e a alimentação, Bragança, 1974.
- HIRONDINO P. FERNANDES — A Saúde e o Rifoneiro, Bragança, 1970.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Um Mestre que vai colaborar, Bragança, 1967.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Um Mestre que teima em se conhecer, Bragança, 1967.
- MANUEL VIEGAS GUERREIRO — Pitões das Júnias, Lisboa, 1981,
- SANT'ANNA DIONÍSIO — Guia de Portugal, 5.º Vol F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1969.
- SANTOS JÚNIOR — Paremiologia Jurídica Galaica-Portuguesa, Porto, 1949.

V Á R I A

32.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos Julho-Agosto — 1983

Em 29 de Julho abalei do Porto às 8 horas. Cheguei a Carvalhelhos à meia tarde.

No dia seguinte procurei em Bêça e na aldeia de Carvalhelhos contratar pessoal jornaleiro para trabalhar no castro duas semanas.

Não consegui arranjar nem homens nem mulheres.

No dia 31 de Julho, domingo, consegui apalavrar dois rapazes com que se iniciaram os trabalhos na segunda-feira 1 de Agosto.

Na campanha deste ano, a 32.^a, estava programado acabar o desentulhamento do 3.º fosso, ou fosso externo da muralha.

Há dois anos este fosso ficou em meio desentulhar por se ter avariado a máquina escavadora, que por conta da Empresa das Águas de Carvalhelhos, naquele ano trabalhou no desentulhamento dos três fossos da cumieira.

A Empresa que se propõe subsidiar o trabalho da máquina para terminar a limpeza do troço que há dois anos não se pôde rematar, nem o ano pasado nem este ano de 1983 conseguiu máquina escavadora.

Lamenta-se que tal tenha sucedido porquanto com um dia a dia e meio de trabalho da máquina o último troço daquele terceiro fosso ficaria desentulhado.

Prosseguiu-se na escavação do 1.º fosso na encosta do lado poente rente à segunda muralha, trabalho que foi iniciado o ano passado (Figs. 1 e 2).

Dado o volume do entulho que enchia o fosso, o pouco pessoal que o ano passado consegui, o facto de o entulho, terra e pedras, ter de ser levado em carrinho de mão (*carreta* lhe chamam em Carvalhelhos), por ali não poder trabalhar o «dumper» e ainda por serviços de limpeza que todos os anos têm de ser feitos, não se conseguiu então atingir a rocha do fundo do fosso.

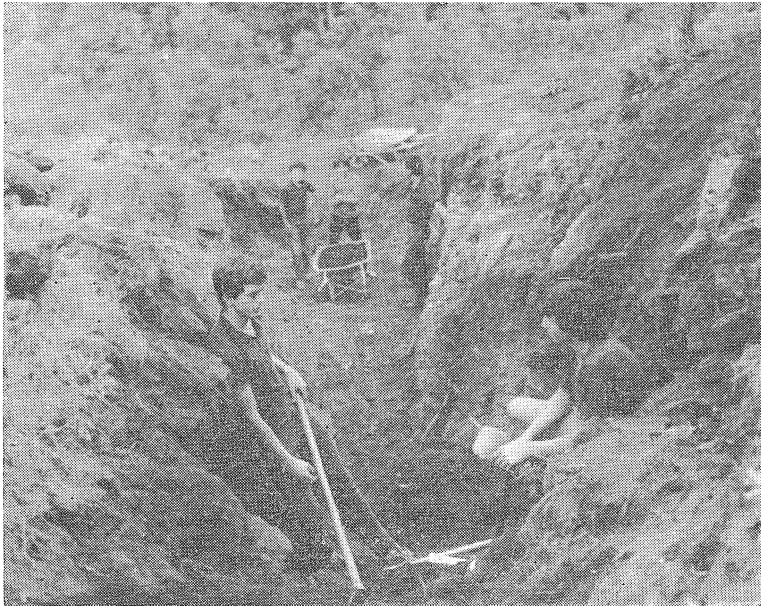


Fig. 1 — Na escavação do 1.º fosso que corre ao lado da 2.ª muralha o entulho tem de ser levado em carrinho de mão.

Além do prosseguimento do desentulhar do 1.º fosso rente da 2.ª muralha, no programa de trabalhos deste ano figurava também escavar um troço do fosso incipiente da encosta do nascente, regueirão pouco fundo, levemente arqueado e sensivelmente paralelo ao 2.º e profundo fosso da encosta do nascente, desentulhado há anos e com funduras de 5 a 7 m.

Houve que se cortar o mato forte e espesso, especialmente de carqueja, que tapava a ponta norte do terreiro, que na

cumieira bordeja o terceiro fosso, terreiro que num comprimento de 25 a 30 m de comprimento por cerca de 10 de largura ainda conserva algumas porções de pedras fincadas.



Fig. 2 — Outro aspecto da escavação do 1.º fosso paralelo à 2.ª muralha que se vê no alto à esquerda.

A ponta norte do terreiro desafogada dos tufos espessos de carqueja tem uns 15 m quadrados de pedras fincadas bem conservadas, isto é, em arranjo primitivo com poucas pedras arrancadas e muito poucas mexidas (Fig. 6).

No desentulhamento do fosso n.º 1, rente à segunda muralha começamos os trabalhos no sítio onde o ano passado se tinham escavado alguns metros cúbicos de terra e pedras sem no entanto se ter atingido a rocha firme ao fundo do fosso.

Logo no início teve que se arrear uma grande pedra de xisto semi-enterrada e apoiada em pedras pequenas.

Aquela pedra, que não deve ter feito parte do paramento da muralha, tinha 91 cm de comprimento, 57 de largura e 33 de grossura.

A cerca de 3 m do ponto onde se iniciaram os trabalhos apareceu, assente na rocha viva do fundo do fosso, uma outra pedra, também de xisto, mas irregular, com uma aresta de 50 cm, que também não deve ter pertencido a nenhum dos paramentos da muralha, nem talvez do seu enchimento.

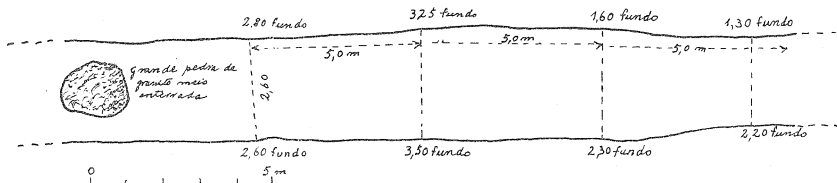


Fig. 3 — Esquema da porção da 1.º fosso ou fosso n.º 1.

Aquela muralha, o que aliás, é a norma nas muralhas dos castros, é formada por dois paramentos com enchimento intercalar de pedras relativamente pequenas.

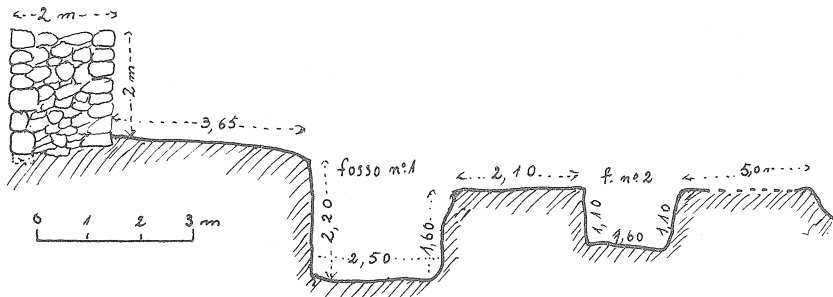


Fig. 4 — Esquema das escavações das fossos da vertente do lado puente.

No desentulhamento daquele fosso n.º 1 verificou-se que o seu enchimento era terra negra e pedras.

A 9 m do ponto onde se começou a desentulhar deparou-se com um veio de terra saibrenta, alta de 1,50 m e largura de 1 m.

Especialmente entre 1 e 1,50 m de fundura apareceram muitas pedras dos paramentos da muralha, a maior parte de

granito apicotadas numa face. Mas também apareceram destas pedras de granito a 2 m de fundura.

Num dos dias de desentulhamento do fosso, num espaço de 3 m de comprimento por cerca de 1 a 1,50 m de fundura apareceram caoticamente amontoadas 48 pedras típicas dos paramentos da muralha. Foram arrumadas junto da muralha (Fig. 5) para oportunamente serem repostas no alteamento dos respectivos paramentos.

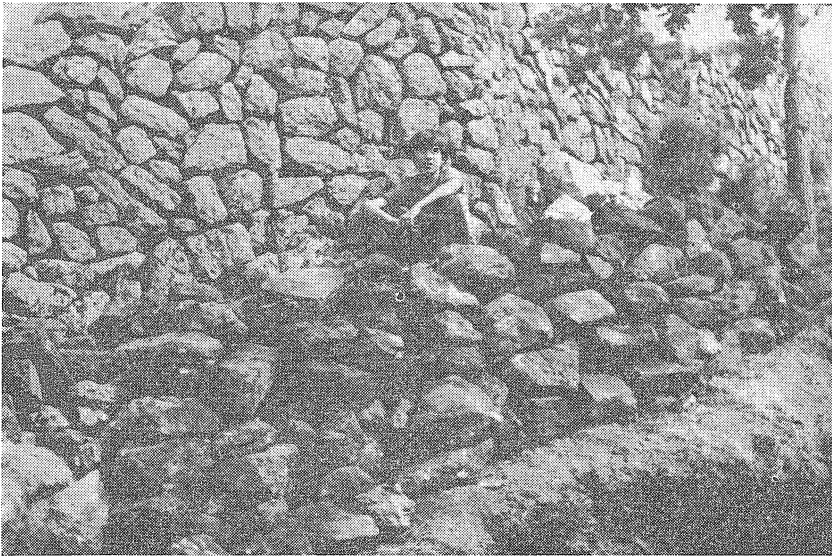


Fig. 5 — Pedras as mais delas de granito, que faziam parte do entulho do 1.º fosso, arrumadas na base da 2.ª muralha.

A todo o comprimento da porção escavada sempre foram aparecendo pedras dos paramentos da muralha, umas de xisto e a maioria de granito com uma face apicotada.

Devem ser mais de 300 destas pedras que ficaram encostadas à base da face externa da muralha.

Na primeira oportunidade terá um pedreiro de repor aquelas muitas pedras na porção da muralha correspondente à zona

do fosso de onde foram desenterradas, fixando a última fiada por discreta chapada de cimento.

Foi assim que fiz a todo o comprimento das fiadas cimeiras dos paramentos interno e externo das muralhas do reduto castrejo e da 2.^a muralha, que foram reconstruídas com pedras delas caídas e desenterradas do entulho, que ficaram a marcar o alinhamento das mesmas. Isto para evitar que por qualquer outra circunstância pudessem tirar pedras da muralha.

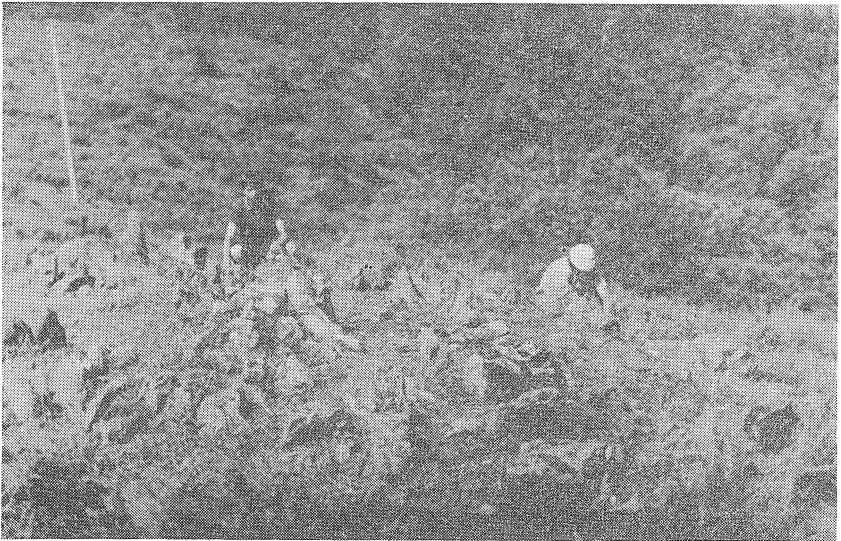


Fig. 6 — Grupo de pedras fincadas do topo norte do terreiro da cumieira.

No entanto são muitas as manchas de cimento que se patenteiam por terem sido arrancadas pedras das fiadas cimeiras, martelando-as, pois a pulso não é possível despegá-las do cimento subjacente.

O mato que de um ano para o outro cresce viçoso é ali formado por carqueja — *Genista tridentata* Samp.; urze — *Erica umbelata* Lin., a que também chamam queiroga; urzeira ou urze torgueirinha — *Erica cinerea* Lin. cuja raiz lenhosa e muito desenvolvida é o torgo; a margaça — *Halimium scabrosum*

Samp. conhecida também pelo nome de margaça branca; silvas — *Rubus* esp?; e por outras plantas rasteiras, especialmente gramíneas.

Como referimos no relatório de 1981 todos os anos o mato tinha que ser cortado ou arrancado à enxada e à picareta e cortado à tesoura de poda entre as pedras fincadas.

O ano passado num primeiro ensaio de ataque ao mato resolvi pulverisá-lo com o arbusticida Mouticida.

Comprei duas latas deste arbusticida que, convenientemente diluído em água, foi aplicado por atomizador cedido pela Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Verificou-se que muitas plantas a breve trecho começaram a murchar e terminaram por secar.

Como a aplicação do arbusticida em 1982 resultou eficiente isto animou-me a, neste ano de 1983, fazer nova e mais ampla pulverização, pelo que este ano comprei 4 latas de litro de Mouticida.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos transportou para o castro 4 grandes bidões com água, forneceu o atomizador e cedeu um empregado para fazer a pulverização que acompanhei de perto, porquanto o Mouticida é um veneno e com o seu manuseamento todos os cuidados são poucos (Fig. 7).

A aplicação fez-se em dois dias. No primeiro dia teve de se suspender a pulverização à meia tarde, por ter começado a chover.

No segundo dia, com tempo de sol, ameno, sem vento, a aplicação pôde fazer-se com plena eficiência.

Pulverizou-se o mato nos combros de separação dos vários fossos e entre as pedras fincadas não só do terreiro que bordejia o terceiro fosso como também as do ouriçado das fincadas nos combros ou cristas de separação dos dois fossos da encosta do lado poente pendente sobre a Ribeira.

Também foi pulverizado o mato do reduto cimeiro especialmente ao correr da face interna da muralha.

Espera-se que as plantas secando deixam de florir e, portanto, de dar sementes, o que evita a propagação das plantas de ano para ano.

É de crer que só de 4 em 4 ou mesmo de 5 em 5 anos bastará fazer pulverização ligeira para manter o castro sempre limpo de mato.

Como já se disse em relatórios anteriores no lado sudeste da encosta voltada a nascente há um regueirão que começa no fundo da ladeira junto de algumas pedras que parece formarem portelo de entrada.



Fig. 7 — Bidões com água para diluição do arbusticida.

É ligeiramente arqueado, tem de comprimento cerca de 50 m terminando em cima em rampa suave a morrer na superfície da ladeira. Tem de boca 3 a 4 m de largura, e de fundura, em média, uns 80 cm, medidas aliás difíceis de tirar com rigor. Quase no alto do regueirão estava uma pedra grande que não desloquei e a todo o seu comprimento havia pedras pequenas e algumas miudas.

Sensivelmente a meio do seu comprimento abriu-se uma vala exploradora com 6 m de comprimento por 2 de largura.

Verificou-se que a uma camada superficial de cor castanho-amarelada se seguia terra negra com 1 m de espessura, assente no salão saibrento.

Considerando a camada superficial, castanho-amarelada, de formação erosiva recente, e a terra negra, com poucas e pequenas pedras à mistura, como terra vegetal, poderá concluir-se que aquele regueirão, fosso incipiente, não foi deliberadamente entulhado, aliás a sua pequena funduda não o impunha.

De qualquer modo é embaraçosa a interpretação daquele regueirão ou fosso incipiente.

Teria sido feito pelos castrejos no propósito de reforçar com mais um fosso as condições de defesa do castro?

Se tal propósito existiu pode perguntar-se.

Porquê deixar o fosso com tão pouca fundura?

Julga-se que aquele regueirão não tenha sido feito por outrem senão pelos castrejos.

De qualquer modo a interpretação daquele regueirão, fosso incipiente, afigura-se-nos embaraçosa.

Embora a atribuição mais provável é que tenha sido obra dos castrejos, pode talvez contrapôr-se: mais um fosso não seria elemento de muito peso a juntar às notáveis condições de defesa do castro, formadas por pedras fincadas, três fossos e duas muralhas. Embora mais um fosso não deixasse de ser tomado em consideração na estratégia defensiva do castro, afigura-se-nos que tal fosso em pouco reforçaria as já notáveis condições de defesa do castro.

CONCLUSÕES

Na campanha de 1983, a 32.^a em que há 32 anos consecutivos ali trabalhamos, não se pôde acabar o desentulhamento do 3.º fosso que há dois anos teve de se suspender por avaria da máquina escavadora. E não se pôde acabar por a Empresa das Águas de Carvalhelhos não ter conseguido contratar máquina escavadora. É serviço que terá de ser feito na primeira oportunidade.

Fez-se nova e mais ampla aplicação do arbusticida Mou-ticida, ensaiado o ano passado. Espera-se que as plantas pulverizadas secarão, como aliás sucedeu em 1982. Deste modo não tornarão a florir e a dar sementes. Assim deixará de haver sementeira espontânea e propagação das plantas de um a outro ano.

É de crer que, para depois manter o castro limpo de mato, bastará uma ligeira pulverização de arbusticida de anos a anos, talvez de 4 em 4 anos ou mesmo de 5 em 5.

No desentulhamento do fosso n.º 1 na encosta do lado poente, que segue junto da 2.ª muralha, continuaram a aparecer muitas pedras dos paramentos da muralha, muitas das quais de granito com face apicotada. Nos 15 m de comprimento deste fosso escavados este ano, com cerca de 3 m de largura e 2,5 a 3 m de fundura arrancaram-se mais de 300 pedras que foram derruidas dos paramentos da muralha.

Isto prova, o que aliás já tinha sido verificado nos dois fossos do lado nascente e nos três da cimeira, que os fossos foram intencionalmente entulhados, e destes o 1.º com pedras derrubadas da muralha. Deste modo se eliminaram concomitantemente duas linhas de defesa, um fosso e a muralha, sem dúvida elementos de grande valor na estratégia defensiva do castro.

Na primeira oportunidade haverá que repôr na muralha as pedras desenterradas do fosso n.º 1, que, sem a menor dúvida, foram derrubadas dos paramentos da mesma.

Haverá que contratar um pedreiro para altear a muralha e fixar a última fiada com discreta chapada de cimento.

Quanto ao regueirão ou fosso incipiente continua embaraçosa a sua interpretação como se dá conta no texto.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
30 de Dezembro de 1983

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. U. P.
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

O Castro da Curalha — Chaves

Vivente na época suévia ?

O Castro da Curalha, que fica a 7 km de Chaves, tem sido estudado nas 8 campanhas de trabalhos até agora publicadas que se indicam a seguir:

Castro da Curalha — 1.ª Campanha de escavações — 1974. Braga, 1975, 20 págs. e 17 figs. Por P. Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Gonçalves Carneiro Júnior & Adérito Medeiros Freitas.

O Castro da Curalha — 2.ª e 3.ª campanhas de escavações, 1975 e 1976. In «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. I, Vol. 23, Porto, 1977, pág. 19-40, e 13 figs. Por P. Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. J. R. dos Santos Júnior.

O Castro da Curalha — 4.ª campanha de escavações — 1977. In id., id., Fasc. II e III, Vol. 23, Porto, 1978, pág. 267-277 e 12 figs. Por id., id., id.

O Castro da Curalha — 5.ª campanha de escavações — 1979. In id., id., Fasc. IV, Vol. 23, Porto, 1980, pág. 293-405 e 20 figs. Por Adérito Medeiros Freitas e J. R. dos Santos Júnior.

O Castro da Curalha — 6.ª campanha de escavações — 1980. In id., id., Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, pág. 59-86 e 38 figs. Por id., id.

O Castro da Curalha — 7.ª campanha de escavações — 1981. In id., id., Fasc. II, Vol. 24, Porto, 1982, pág. 265-291 e 24 figs. Por id., id.

O Castro da Curalha — 8.ª campanha de escavações — 1982. In id., id., Fasc. III, Vol. 24, Porto, 1983, pág. 453-474 e 12 figs. Por id., id.

O Castro da Curalha — 9.ª campanha de escavações — 1983. Por Adérito Medeiros Freitas e J. R. dos Santos Júnior. Em publicação no Fasc. IV, Vol. 24 dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia».

Neste ano de 1983 fez-se a 9.ª campanha de trabalhos em duas tarefas. A primeira pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas no mês de Setembro e a segunda por mim no mês de Outubro.

Esta nota que levamos ao Colóquio inter-universitários de Arqueologia do Nordeste (Porto, 1 a 13 de Nov. de 1983), é notícia preliminar baseada em particularidades apresentadas por este castro junto da Aldeia da Curalha no monte que lhe fica fronteiro pelo sul e sobranceiro ao rio Tâmega que lhe corre pelo nascente.

Nos 7 relatórios publicados podem ver-se as particularidades do castro quer no tipo das muralhas que são 3, nas 3

portas rasgadas na muralha cimeira, uma a leste, outra a norte e a terceira a sudoeste, quer no espólio até agora recolhido.

Por agora, e pelo que se tem em vista, vamos referir o que se encontra quanto às 22 casas até agora descobertas.

Destas casas acharam-se isoladas apenas 3, uma circular e duas quadradas. As outras são pegadas e com paredes meeiras.

Há uma fiada de 5 ou 6 casas a meio da vertente do lado poente, no alinhamento da porta norte com a porta do sudoeste.

Uma fiada de 3 casas à esquerda da porta do lado nascente está entestada à muralha que lhe faz de parede fundeira.

Outra fiada de 5 casas também de paredes meeiras encosta-se à face interna da muralha pela direita da entrada da porta do lado no nascente. Parece que esta fiada se liga a outra fiada de 5 ou 6 casas pegadas por paredes meeiras, que se continua para noroeste junto da face interna da muralha.

Tal tipo de casas mais ou menos rectangulares têm sido considerado como típico do séc. IV d.C.

A cerâmica, que tem sido encontrada ao remover centenas, se não milhares de pedras que astravam o recinto muralhado, afasta-se da típica cerâmica castreja. Pastas nada granosas e algo micáceas mas de palhetas pequeninas, e alguns pedaços de pequenos vasos com a pasta mediana mais ou menos escura revestida nas duas faces por induto de cor de várias tonalidades de vermelho.

O prosseguimento de escavações é bem possível que venha a confirmar aquilo que agora se apresenta como hipótese que se julga plausível.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Outubro de 1983

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Prof. jub. de Antrop. e Sociologia da F. C. U. P.
Antigo Director do I. A. Dr. M. C.
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica

* Quinta da Caverneira — Aguas Santas — 4445 Ermesinde.

Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1983

Os trabalhos efectuados em 1983 só foram possíveis graças ao subsídio concedido pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e à colaboração dos estudantes integrados na campanha de «Ocupação dos Tempos Livres» que nos foram confiados pela Câmara Municipal de Sabrosa.

A campanha arqueológica de 1983 foi realizada em duas fases.

A primeira decorreu entre 5 de Julho e 5 de Agosto, tendo como finalidade a conclusão da prospecção e limpeza da 2.^a muralha do castro. Utilizámos neste trabalho cinco estudantes da «OTL».

A segunda fase dos trabalhos decorreu entre os dias 29 de Agosto e 3 de Setembro, tendo como objectivo o restauro da 1.^a muralha ou muralha principal do castro. Utilizámos dois pedreiros e quatro ajudantes.

1. *Trabalhos de prospecção e limpeza da 2.^a muralha*

Concluimos os trabalhos de prospecção e limpeza desta muralha, trabalhos que se tinham iniciado na campanha do ano passado.

No flanco oriental da muralha, numa extensão de 110 m, desde a sua extremidade sul até à porta da muralha, desembaraçou-se do mato, da terra e das pedras que a encobriam, a face externa (Fig. 1). Em altura, a limpeza fez-se desde o afloramento das pedras superiores da muralha, até à base. Se, nalguns pontos, ainda se podiam ver três e quatro fiadas de pedras sobrepostas, atingindo por vezes 1 m de altura, noutros a muralha encontrava-se reduzida a uma ou duas pedras desalinhas da base (Figs. 2 e 3).

Em alguns locais encontrámos grande número de pedras faceadas, caídas da muralha e soterradas junto a ela. Noutros locais as pedras que faltavam na muralha tinham desaparecido completamente. O saque havia sido absoluto.

Neste flanco da muralha prospectada não se encontrou qualquer estrutura, porta ou muro adjacente e o espólio reco-



Fig. 1 — Trabalhos de limpeza e prospecção da 2.^a muralha do Castro, no seu flanco oriental.



Fig. 2 — Um aspecto do que resta da 2.^a muralha no seu flanco oriental, depois de limpa até à base.

lhido reduziu-se, uma vez mais, a pequenos fragmentos de cerâmica, quer de tegula quer de vasos.



Fig. 3 — Outro aspecto do mesmo flanco da 2.^a muralha, depois de limpo. Podem-se ver na base duas fiadas de pedras desalinhasadas.

2. *Trabalhos de restauro da 1.^a muralha*

Durante a campanha trabalhámos ainda em dois troços da 1.^a muralha, tanto no seu flanco ocidental, como no seu flanco sul.

No flanco ocidental da muralha levantámos parede numa extensão de 17,0 m de comprimento, desde a base até alturas que variaram entre 1,65 m no seu ponto mais alto e 1,0 m no seu ponto mais baixo. Deveríamos ter levantado a muralha em mais meio metro pelo menos, de forma a que a face externa restaurada atingisse a altura das pedras de enchimento que se encontram à vista. Só não o fizemos durante esta campanha por não encontrarmos, ali à mão, a pedra faceada indispensável ao trabalho.

Com este troço de muralha que se levantou, fica quase concluído o restauro da 1.^a muralha no seu flanco ocidental. Dizemos quase, porque falta levantar o meio metro atrás referido e tapar duas aberturas que ficaram na muralha, que não correspondem a quaisquer portas originais, mas sim a passagens deixadas provisoriamente por nós com o intuito de facilitar a entrada no castro. Assim que terminem os trabalhos de restauro naquela zona, procederemos ao seu fecho.



Fig. 4 — 1.^a muralha, restaurada no seu flanco sul.

O restauro da muralha no seu flanco sul realizou-se numa extensão de 10,5 m de comprimento, atingindo 1,90 m no seu ponto mais alto (Fig. 4). O restauro iniciou-se a partir da extremidade mais ocidental do castro, naquele flanco.

Este flanco sul da muralha foi o mais espoliado das suas pedras, por ser o que se encontra mais próximo de Sabrosa e o que oferece melhores condições de acesso a carros e carroças. Por este motivo, o levantamento da parede teve de se fazer desde o chão, pois em grande parte da sua extensão nem as pedras da base ficaram.

Na próxima campanha tentaremos concluir o restauro deste flanco, levantando-o numa extensão aproximada de 60 m de comprimento por 1,5 m de altura.

CARLOS ERVEDOSA *

Assistente do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro
e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

* 5060 Sabrosa.

**Dois testemunhos, um galego e outro trasmontano,
da remota ZOOLATRIA**

O homem vive e mantém a sua capacidade de vivência à custa de 3 elementos fundamentais, basilares e absolutamente indispensáveis à vida, que são, o ar, a água e os alimentos. Estes, basicamente, são as plantas e os animais.

A água foi considerada pelos povos antigos de períodos mais ou menos remotos, como um dom ou graça divina.

Há fontes de águas santas em várias regiões de Portugal.

Um exemplo é o da fonte da freguesia de ÁGUAS SANTAS, do concelho da Maia, onde vivo desde os 6 meses de idade.

Corre na tradição local que uma nossa rainha, há quem diga ter sido a Rainha D. Mafalda esposa do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques, com achaque gástrico doloroso, por ali passou e bebeu água da fonte que fica a uma escassa centena de metros da velha igreja românica, matriz da freguesia.

O alívio do mal-estar gástrico foi tão acentuado e tão imediato que a rainha, num misto de gratidão e de admiração, teria dito.

— Ó águas santas! Nome que depois se estendeu a toda a terra que é hoje a freguesia do mesmo nome.

Há plantas e árvores que foram, e continuam a ser, consideradas árvores sagradas, que ainda hoje o povo de algumas regiões respeita e venera.

A carne desde há longínquos milénios que faz parte da dieta dos homens.

Logicamente os animais são uma excelsa e prestimosa dádiva da Natureza à disposição e proveito da Humanidade.

São muitas as pinturas e as gravuras de animais encontradas em grande número de cavernas, palas ou abrigos pré e proto-históricos.

Caça e pesca, em longos períodos da evolução da Humanidade, foram actividades predominantes para assegurar o abastecimento de carne na alimentação dos homens.

No Neolítico, para se libertar das contingências da caça e até da simples colheita de produtos silvestres, o homem começou a semear plantas e a criar animais em cativeiro; fez-se lavrador e pastor.

No evoluir da criação dos animais domésticos o porco ocupa um lugar de grande realce e de suma importância, quer pela excelência da carne, quer pela facilidade da criação em estábulo ou curral, tantas vezes associada ao pastoreio à vezada ou vezeira.

São muitas as estátuas zoomórficas de pedra, mais de 200, até à data achadas em Portugal e na Espanha, representando sobretudo porcos e touros.

As estátuas porcinas têm os testículos bem esculpidos na traseira pelo que todas representam porcos machos ou de cobrição, que em Portugal se chamam *barrões* ou *berrões* e em Espanha *verracos*.

Foi um destes berrões que em 1952 apareceu em Picote, freguesia do concelho de Miranda do Douro, que tive ensejo de o estudar.

Foi achado de pé a meio de um recinto murado circular, a que se seguia um corredor de 9 metros de comprimento.

Falta-lhe a cabeça, é de granito, tem 1,44 m de comprimento por 52 cm de largura nos flancos. As patas estão largamente implantadas em continuidade granítica no sóco, base ou peanha, que forma com o berrão uma só peça ou um todo. Representa um porco doméstico, como o atestam os refegos, *ronchos* ou *calções*, nos jarretes das patas posteriores.

Nas escavações que ali fiz em 1952 e 1953, acharam-se alguns dentes e grande quantidade de fragmentos de ossos, de boi, de carneiro, de cabra, de porco e de coelho, que, pelo pequeno tamanho, foram considerados como restos de comida.

Apareceu um pequeno bronze romano de Constâncio II (séc. iv) e também de bronze, uma fíbula deformada por esmagamento, uma pinça e um pedaço de uma agulha de coser, com 62 mm de comprimento, sem ponta e dobrada 2 cm adiante do olhal da enfiadura.

Acharam-se bastantes restos de vasos de cerâmica de 2 tipos: uns bojudos, são porções de vasos altos próprios para conter líquidos; outros são aplanados, baixos ou ladeiros, à maneira de pratos, seriam destinados a substâncias sólidas, carne, frutas ou comida.

Em face das condições do achado, aquele porco de pedra, encontrado de pé a meio da câmara circular seguida de corredor de 9 m de comprimento, seria um ídolo.

Os muitos ossos achados e o seu estado fragmentar permite supor que tenham entrado no preparo de comidas.

A hipótese de ritos litúrgicos de oferendas afigura-se-nos plausível.

A coexistência de fragmentos cerâmicos de vasos altos e bojudos e a de peças aplanadas e ladeiras, à moda de pratos, levam a admitir que as práticas do culto àquele ídolo revestiriam cerimónias rituais entre as quais a deposição de comidas como oferenda.

Este o testemunho prestado pelo berrão de Picote à ZOOLATRIA porcina.

Vejamos agora o testemunho prestado por um *verraco* aparecido algures na Galiza.

Em Junho de 1977 fiz no excelente Museu de Pontevedra uma conferência sobre *A cultura dos berrões no noroeste peninsular, norte de Portugal e na Galiza*. À minha conferência assistiu o Frei António Monteiro O. F. M. do convento de S. Francisco, de Pontevedra. Este culto frade franciscano falou-me de um grande berrão, aparecido havia cerca de 20 anos numa freguesia da província da Corunha, onde se encontrava em missão apostólica.

Manifestei vivo interesse pelo que me contou aquele culto frade galego quanto ao *verraco* corunhês.

Depois, em carta de 28-8-78 deu uma série de informações que conferem àquele berrão um especial relevo.

Frei António Montero na sua carta amiga refere logo de entrada.

«Yo, por más esfuerzos que hice no recuerdo el nombre de la parroquia en donde ocurrió el hallazgo; son muchas las feligresias que, preparando preceptos pascuales y dando misiones, recorro al año».

De qualquer modo, mesmo sem a indicação justa e precisa do local do achado, a natureza do mesmo justifica a publicação dos elementos colhidos «in loco» por Frei António Montero e gentilmente fornecidos na carta, da qual se transcreve o que segue.

«Hace unos 20 años, poco más o menos, hallandome de ministério pastoral en una parroquia de la provincia de La Coruña, segun creo, sobrevino una gran tormenta con una gran tromba de agua, avisaron os mozos del lugar que en las proximidades las aguas habian puesto al descubierto unos muros y una estatua de piedra. Salimos el cura y yo y encontramos en la base de un monte unos muros de forma semicircular que levantarian como un metro del suelo, en el centro un verraco muy grande que mediria bien dos m de largo por uno de alto. Escultura de buena labra con una bolsa testicular muy abultada y un pene descomunal. Creia el viejo cura que era un oso, pero se tratava de un cerdo. Los mozos se reian de las partes sexuales del animal, cosa que o cura llevó muy a mal reprendiendolos muy asperamente y aquella misma noche con un martillo le machacó. Se me olvidaba que en médio del recinto formado por el muro circular habia un pedestal formado por piedra de manposteria superpuestas, de la altura de los muros, un m aproximadamente. No dudé un momento de que el verraco estuvo en cima del pódio. Como tanto el bicho como los muros estaban ahumados sospecho que receberia ritos en que se quemaban cosas.»

Em face do que acabamos de expor há que realçar as observações feitas pelo espírito perspicaz de Frei António Montero e recordadas passados cerca de 20 anos.

— A estátua de pedra «de buena labra» foi achada no meio de recinto semicircular, parcialmente destruído pela enxurrada da tromba de água.

— A existência a meio do recinto de um pedestal de pedras sobrepostas, que seria o pódio ou plinto para nele pôr o berrão.

— A escultura era de um porco com os órgãos sexuais masculinos exuberantemente esculpidos.

Embora infelizmente quebrado, e os seus pedaços ainda não tenham sido achados, o certo é que o verraco foi encontrado «in loco» num recinto certamente circular, no meio do qual havia um pedestal onde, digamos, o bicho tinha sido posto como em trono ou altar.

Há alguns aspectos ou feições de concordância entre os dois achados, o português de Picote e o galego de uma aldeia da província de Coruña, e, sobretudo, o que se julga fundamental, ambos encontrados no meio de recintos arredondados.

Podemos concluir em face do conjunto das circunstâncias apuradas nos dois achados, que têm razão aqueles que consideram os *berrões* ou *verracos*, como estátuas votivas, manifestação dum velho rito zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares.

Julgo poderão considerar-se os dois referidos testemunhos zoolátricos como manifestações de ordem espiritual com raízes em Trás-os-Montes e na Galiza.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Fevereiro de 1984

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Prof. Jub. de Antropologia e de Sociologia da F. C. Univ. do Porto,
do Seminário de Estudos Galegos e da Real Academia Galega (Corunha)

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Subsídios

À Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia para actividades no ano de 1984, em trabalhos de campo e de gabinete, publicação de trabalhos e em especial da revista da Sociedade «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» e sua distribuição pelos sócios e entidades nacionais e estrangeiras com quem permutamos, foram concedidos os seguintes subsídios:

Direcção-Geral do Ensino Superior (em 27 de Janeiro de 1984)	337.500\$00
(em 28 de Março de 1984)	112.500\$00
Fundação Calouste Gulbenkian (em 10 de Julho de 1984)	200.000\$00
Câmara Municipal de Chaves (para trabalhos no Castro da Curalha, em 23 de Fevereiro de 1984)	100.000\$00
Câmara Municipal de Sabrosa (para trabalhos no Castro de Sabrosa, em 27 de Junho de 1984)	15.000\$00
Câmara Municipal de Boticas (para trabalhos de estudo dos Castros do Concelho, em Junho de 1984	50.000\$00
(em 17 de Agosto de 1984), por complemento dos trabalhos feitos na campanha de 13 a 20 de Junho de 1984	28.876\$00

As entidades que, acedendo aos pedidos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, concederam os subsídios que se indicam são devidos agradecimentos que reconhecidamente se lhes testemunham em nome da Sociedade a que tenho a honra de presidir, e em meu nome pessoal.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Presidente da S. P. A. E.



LUTUOSA

Prof. Arq. Rogério de Azevedo

Há muitos anos sócio efectivo da nossa Sociedade de Antropologia, Rogério de Azevedo foi, também durante bastantes anos, membro do seu Conselho-Director, na qualidade de tesoureiro.

Regeu durante vários anos a cadeira de Architectura na Escola de Belas-Artes do Porto.

Faleceu em 24 de Setembro de 1983 no Porto, terra da sua naturalidade e dos seus ascendentes, que foram reputados comerciantes de ourivesaria e de pedras preciosas.

Como Architecto deixou o seu nome de Mestre ligado ao planeamento e execução de grandes edificios. Podemos citar a Garagem e o edificio do jornal O Comércio do Porto, a Faculdade de Medicina, em frente ao Hospital de Santo António, o Hotel Infante de Sagres, o edificio conhecido pelo nome de «prédio Maurício», na Praça de D. João I, e também o restauro da portuense Quinta da Macieirinha, bem como o restauro do palácio dos Duques de Bragança, em Guimarães. Deu brado a polémica entre Rogério de Azevedo e o vimaranense Dr. Alfredo Pimenta, sobre o restauro que R. de Azevedo fez daquele belo e grandioso palácio.

Foi Presidente da Secção Regional do Porto do Sindicato Nacional dos Architectos.

Foi vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto, sob a Presidência do Eng.º Machado Vaz.

A sua tendência para a Filologia levou-o a iniciar o estudo do russo e sobretudo a aprofundar o estudo do Latim e do Grego, línguas em que adquiriu vasta cultura. Isto lhe permitiu estudar algumas remotas inscrições rupestres e formular plausíveis hipóteses sobre sua leitura e interpretação.

Segue-se a lista dos trabalhos publicados por Rogério de Azevedo, fornecidas pelo seu filho Arq. Mário Emídio de Azevedo.



Fotografia do Prof. Arq. Rogério de Azevedo

Bibliografia de Rogério de Azevedo

- A Arquitectura no Plano Social*, 1936, Porto.
A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire), Documento Musical único na Europa (Elementos para a sua Interpretação), 1954, Viseu.

- A *Educação e a Criança*, 1955, Porto.
- O *Cântico Greco-Latino de Lamas de Moledo (Documento musical arcaico com estrofe e antistrofe em grego)*, 1955, Porto.
- Uma Excursão Arqueológica ao Caramulo* (de colaboração com MOREIRA DE FIGUEIREDO), 1955, Viseu.
- A «*Ara de Burgães*» e a «*Ara de Ervedosa*», 1957, Porto.
- A *Teogonia Lusitana*, 1957, Porto.
- Onomástica Ibérico (Tentativa Etimológica)*, 1958, Porto.
- O *Porto desde a proto-história à época do Infante D. Henrique*, 1960, Porto.
- Gravuras Rupestres de Linhares, Ensaio Interpretativo* (de colaboração com J. R. SANTOS JÚNIOR), 1960, Porto.
- Inscrições gregas no outeiro da Senhora da Pena (Viseu) e no cabeço das Fráguas (Guarda)*, 1960, Viseu.
- O *Etrusco (Interpretação de algumas inscrições)*, 1961, Porto.
- O *Paço do Conde D. Henrique e o Paço dos Duques, de Guimarães (Explicação prévia)*, 1962, Porto.
- Duas Inscrições do Ocidente da Península Ibérica*, 1962, Porto.
- O *Porco na Etnografia Ibérica (Subsídios)*, 1963, Porto.
- Mapa comparativo dos alfabetos de algumas inscrições ibéricas*, 1964, Porto.
- As Inscrições da «Estela de Lemnos» (Mar Egeu)*, 1965, Porto.
- O *termo Cale*, 1965, Porto.
- Intervenção Relativa a «Portucale»*, 1966, Porto.
- Inscrição Ibérica de «Corte do Freixo» (Almodovar)*, 1966, Porto.
- A *Inscrição de Peñalba (Espanha)*, 1967, Porto.
- As implicações antecedentes da arquitectura medieval portugalense (Cale, Portucale e Porto)*, 1968, Porto.
- A *Arquitectura Medieval Portugalense e suas Implicações Antecedentes*, 1968, Porto.
- As Moiras da Fonte Numão*, 1969, Porto.
- A *Ara de Fontes — Santa Marta de Penaguião (Análise Crítica)*, 1981, Porto.
- O *Porco na Zoolatria Ibérica*, 1982, Porto.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

BIEITO PEREZ OUTEIRINHO — De ourivesaria castrexa — I. Arracadas, in «Boletín Auriense», Anexo I — Museo Arqueológico Provincial, Ourense, 1982, 208 págs., com 34 Figs., 9 mapas e no final 55 Ests.

Este belo trabalho foi publicado com a ajuda da Fundação «Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa», da Deputación Provincial de Ourense e do Ministério da Cultura.

Trabalho apresentado como tese de Licenciatura na Universidade de Valladolid em Dezembro de 1980. Apreciado e discutido pelo júri, formado por três distintos Professores daquela Universidade, foi-lhe concedida a «máxima qualificação». O que basta para atestar o valor do estudo feito pelo A. sobre os brincos ou arrecadas de ouro encontradas nos castros do norte de Portugal e da Galiza.

Pelos títulos dos vários capítulos, que damos a seguir, e que o A. repartiu por quatro sectores ou partes, já se pode fazer ideia do apurado critério e meticoloso pormenor que presidiu ao estudo global das arrecadas.

Na «Parte I», são estes os seus capítulos: História das investigaciones — Antecedentes e pervivenzas da ourivesaria castrexa no NW.

Parte II. Descripción estrutural dunha arracada — Inventário das arracadas castrexas.

Parte III. Os motivos decorativos (Figurativos e Xeométricos) — Os elementos decorativos (Os fios, as lâminas, os grânulos) — Técnicas construtivas e de decoracion (O Trabalho dos fios, o trabalho das lâminas, o trabalho dos grânulos, a soldadura) — Sistemas e modos de suspensión — Consideracions metalúrxicas — Os resultados das análises espectrográficas das arracadas.

Parte IV. Esquema tipológico das arracadas castrexas (morfotipologia, tipologia geral) — Conclusions.

Nas conclusões (págs. 180 a 187) o A., dado o facto de os achados das arracadas terem sido fortuitos, e não de escavações sistemáticas, não se dispõe de elementos arqueológicos das jazidas em que as arracadas tivessem sido encontradas, porquanto as mais delas faziam parte de tesouros escondidos a bom recato.

Atentando nas peças que apareceram em associação com as arracadas pode fazer-se um tentâmen cronológico.

Considera, como hipótese, que o final da ourivesaria castreja deve ter-se dado pelos meados do século I d.C. e que as arracadas estudadas teriam sido feitas no decurso de cerca de 450 anos.

É rica a documentação iconográfica, constituída por 8 mapas, 34 Figs. de desenhos, e 55 Est. a preto e branco, e mais 8 a cores intercaladas no texto.

É um trabalho que se lê com aprazimento.

O seu autor merece felicitações.

ARQUEOLOGIA, revista do *Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto* (GEAP), n.º 3, Porto 1981, 140 págs. com ampla documentação iconográfica de belos desenhos e fotografuras.

Esta bela revista, posta ao serviço da cultura e do património arqueológico nacional, nos fascículos publicados não só no apurado aspecto gráfico mas também na respectiva colaboração científica, dado o grande interesse de muitos dos artigos neles publicados, tem manifestado a sua plena capacidade para o desempenho das meritórias finalidades que tem como seu nobre propósito.

É seu director o Doutor Victor Oliveira Jorge, que tem sido distinto Professor no Departamento de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No n.º 3 desta bela revista publicado em Junho de 1981 saíram os artigos que a seguir se indicam.

A propósito da *Aboboreira — uma experiência de análise territorial em Arqueologia*, por Victor Oliveira Jorge, págs. 1 e 2; *Gravuras rupes- tres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)*, por Suzana O. Jorge, Victor O. Jorge, Carlos Alberto F. de Almeida, M. de Jesus Sanches e M. Teresa Soeiro, págs. 3-12 e 9 Figs.; *Aspectos de evolução pré-histórica e proto- histórica do Poitou — Charentes (França)*, por Jean Pierre Pautreau, págs. 13-15 e 10 Figs.; *Os túmulos megalíticos da Baixa-Saxónia e as suas relações com o resto da Europa*, por U. Fischer, págs. 19-28 e 4 Figs.; *Importância do Núcleo Megalítico do Outeiro dos Gregos, Serra da Aboboreira*, por Victor Oliveira Jorge, págs. 29-35 e 9 Figs.; *O complexo arqueológico de Lapias de Negrals (Sintra) II*, por Eduardo da Cunha Serrão, págs. 36-42 e 6 Figs.; *Pinturas esquemáticas de Penas Roias, terra de Miranda do Douro*, por Carlos Alberto Ferreira de Almeida e António Maria Mourinho, págs. 43-48 e 7 Figs.; *A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia)*, por Elizabeth Shee Turohig, págs. 49-55 e 4 Figs.; *A Arte do Gião*, por António Martinho Baptista, págs. 56-66 e 16 Figs.; *Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião)*, por Suzana Oliveira Jorge, págs. 67-76 e 11 Figs.; *A estação pré-histórica do Monte Calvo — Baião — Notícia preliminar*, por António A. Huet de B. Gonçalves, págs. 77-87 e 12 Figs.; *Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal*, por Maria de Jesus Sanches, págs. 88-98 e 4 Figs.; *Castro de Peso em Sta. Leocádia de Geraz de Lima*, por Teresa Soeiro, págs. 99-102 e 9 Figs.; *O povoado fortificado de Santo Ovídio (Fafe)*, por Maria Manuela Martins, págs. 103-110 e 11 Figs.; *Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto)*, por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, págs. 111-116 e 7 Figs.; *A vila romana de S. Cuculate*, por Jorge de Alarcão, págs. 117-121 e 9 Figs.

Seguem-se, num como que sector de VÁRIA, os temas ou capítulos que se indicam: *Estações e Monumentos, Museus, Publicações recentes*, onde se referem notícias condizentes com os três referidos temas.

Este fascículo 3 da ARQUEOLOGIA teve ampla colaboração em trabalhos de acentuado interesse arqueológico.

Louvores à Fundação Calouste Gulbenkian, ao Governador Civil do Porto e à Câmara Municipal do Porto pela concessão dos subsídios que permitiram a publicação deste belo número da revista do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

SANTOS JÚNIOR

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXIV — FASC. IV

SUMÁRIO:

DR. ADÉRITO MEDEIROS FREITAS e J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
O Castro da Curalha — 9.ª campanha de escavações — 1983

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
A Dança dos Mancos na festa de S. Gonçálinho em Aveiro

ANTÓNIO JOAQUIM DA EIRA E COSTA
A fala que aprendi — Na aldeia de Quintá-Campeã, concelho de Vila Real

BARROSO DA FONTE
Rifoneiro Barrosão

Vária: — 32.ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos — Julho-Agosto — 1983, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 673 a 682); O Castro da Curalha — Chaves — Vivente na época suévica?, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 683 e 684); Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1983, (CARLOS ERVEDOSA) (págs. 685 a 688); Dois testemunhos, um galego e outro trasmontano, da remota ZOOLATRIA, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 689 a 693); Subsídios (pág. 694).

Lutuosa: — Prof. Arq. Rogério de Azevedo (págs. 695 a 697).

Revista Bibliográfica: — BIEITO PEREZ OUTEIRINHO, (págs. 698 a 699); Arqueologia, (págs. 699 a 700).